

Nora Roberts

A ESCREVER COMO

ROBB

Conspiração Mortal

Tradução de Georgina Torres

A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido.

*Todos os homens acham que todos são mortais,
menos eles próprios.*

— EDWARD YOUNG

Convivamos com a Morte.

— TENNYSON

Nas minhas mãos tenho poder. O poder de curar e destruir. De conceder a vida ou provocar a morte. Eu venero este dom, aperfeiçoei-o ao longo do tempo até ser uma arte tão magnífica e fantástica como qualquer quadro do Louvre.

Eu sou arte, eu sou ciência. Em todos os sentidos que importam, eu sou Deus.

Deus deve ser impiedoso e visionário. Deus estuda as suas criações e seleciona. As melhores destas criações devem ser acarinhadas, protegidas e mantidas. A grandiosidade recompensa a perfeição.

Ainda assim, os defeituosos têm a sua utilidade.

Um Deus sábio experimenta, considera, usa o que lhe calha nas mãos e produz maravilhas. Sim, muitas vezes sem misericórdia, muitas vezes com uma violência que a gente comum condena.

Nós, os que detemos poder, não nos podemos deixar distrair pelas condenações da gente comum, pelas leis mesquinhas e ridículas dos homens simples. São cegos, as suas mentes fechadas derivado ao medo, medo da dor, medo da morte. São demasiado limitados para compreender que a morte pode ser conquistada.

Eu estou prestes a consegui-lo.

Se o meu trabalho fosse descoberto, eles, com as suas leis e atitudes patéticas, condenar-me-iam.

Quando concluir o meu trabalho, venerar-me-ão.

Para algumas pessoas, o inimigo não era a morte. A vida era um adversário muito menos misericordioso. Para os fantasmas que vagueavam pelas noites como sombras, os drogados de olhos cor-de-rosa pálido, os viciados de mãos trêmulas, a vida era uma mera viagem sem sentido que girava em torno das doses e tudo o resto era degradação.

A viagem em si era, na maioria das vezes, repleta de dor e desespero, e ocasionalmente terror.

Para os pobres e deslocados nas entranhas de Nova Iorque, na madrugada gelada de 2059, a dor, o desespero, o terror eram companhias constantes. Para os deficientes mentais e físicos que não se inseriam na sociedade, a cidade era apenas outro tipo de prisão.

Obviamente havia programas sociais. Era, afinal de contas, uma época esclarecida. Assim afirmavam os políticos, com o Partido Liberal a clamar novos abrigos elaborados, escolas e hospitais, centros de formação e reabilitação, sem chegar a detalhar um plano de financiamento desses programas. O Partido Conservador cortou de bom grado os orçamentos dos programas já aplicados e depois fez discursos veementes sobre a qualidade de vida e família.

Ainda assim, havia abrigos para quem reunisse as condições e aguentasse a mísera ajuda que lhes era disponibilizada. Havia programas de formação e assistência para quem conseguisse manter a sua sanidade o tempo suficiente para conseguir ultrapassar a infindável teia burocrática que tantas vezes asfixiava os beneficiários pretendidos antes de os salvar.

E como sempre, as crianças passavam fome, as mulheres vendiam o corpo e os homens matavam por um punhado de créditos. Por muito esclarecida que fosse a época, a natureza humana mantinha-se tão previsível como a morte.

Para os sem-abrigo, o mês de janeiro em Nova Iorque trouxe noites cruéis, de um frio que raramente podia ser combatido com uma garrafa de cerveja ou alguns ilegais encontrados no lixo. Alguns cediam e arrastavam-se até aos abrigos para ressonar em colchões deformados sob cobertores finos ou para comer a sopa aguada ou pães de soja sensaborões servidos por alunos de Sociologia entusiasmados por poder ajudar. Outros aguentavam, demasiado perdidos ou teimosos para abdicarem do seu bocado de território.

E muitos trocavam a vida pela morte durante essas noites geladas. A cidade matara-os, mas não era considerado homicídio.

À medida que a Tenente Eve Dallas conduzia até à Baixa nessa madrugada gélida, batia incessantemente com os dedos no volante. Não deveria estar a tratar da morte de mais um sem-abrigo em Bowery. Era um assunto para o que a Brigada frequentemente denominava de Ligeira de Homicídio, os coletores de cadáveres que patrulhavam áreas conhecidas de aglomerados de sem-abrigo para separar os vivos dos mortos e levar os corpos gastos para serem examinados, identificados e despachados na morgue.

Era um serviço mundano e desagradável que normalmente competia aos que ainda acalentavam esperanças de entrar para a unidade de homicídios de elite ou aos que já tinham desistido de tal milagre. A Brigada de Homicídios só era chamada ao local em caso de indícios claros de morte suspeita ou violenta.

E Eve pensou que se não estivesse atenta a essas participações naquela manhã miserável, ainda estaria na sua cama quentinha com o seu marido quentinho.

— Deve ser algum novato nervoso à espera de um homicida em série — murmurou ela.

A seu lado, Peabody dava bocejos monumentais. — Eu estou aqui a mais. — Sob a sua franja escura, cortada na perfeição, lançou um olhar esperançoso a Eve. — Podia deixar-me na paragem de transportes mais próxima e dentro de dez minutos posso estar outra vez na cama.

— Se eu soffro, tu também soffres.

— Isso faz-me sentir tão... querida, Dallas.

Eve bufou indignada e lançou um sorriso irónico a Peabody. Ninguém era mais tenaz, mais fiável do que a sua auxiliar, pensou ela. Apesar da abrupta convocação àquela hora da madrugada, Peabody estava impecável com a sua farda grossa de inverno, os botões a reluzir e os sapatos de polícia pretos rijos engraxados. Na sua cara quadrada emoldurada pelo cabelo preto cortado à tigela, os seus olhos ainda estavam ensonados, mas veriam aquilo que Eve precisava que ela visse.

— Ontem à noite não foi a uma grande festa? — perguntou Peabody.

— Sim, em East Washington. O Roarke foi convidado para um jantar/baile de uma instituição fina de caridade. Era para salvar toupeiras ou qualquer coisa assim. Tinham comida suficiente para alimentar tudo o que é sem-abrigo em Lower East Side durante um ano.

— Coitadinha. Aposto que teve de se aperaltar com um vestido lindo, andar no veículo particular do Roarke e emborcar champanhe.

Eve limitou-se a franzir a sobrancelha perante o tom seco de Peabo-

dy. — Sim, foi mais ou menos isso. — Ambas sabiam que o lado sedutor da vida de Eve, desde que Roarke fazia parte dela, tanto lhe causava espanto como frustração. — E depois tive de dançar com o Roarke. Muito.

— Ele levou smoking? — Peabody já vira Roarke de smoking. Essa imagem ficara gravada na sua mente como ácido no vidro.

— Sim. — Até chegarem a casa e ela lho arrancar, pensou Eve. Ficava igualmente atraente com ou sem smoking.

— Caramba. — Peabody fechou os olhos, aplicando uma técnica de visualização que aprendera sentada nos joelhos dos seus pais liberais. — Caramba — repetiu ela.

— Muitas mulheres ficariam chateadas se os seus maridos protagonizassem as fantasiuzinhas sexuais da sua auxiliar.

— Mas você está acima disso, Tenente. Isso agrada-me em si.

Eve resmungou e rodou os ombros hirtos. Se a luxúria lhe levara a melhor, a única culpada era ela, e só dormira três horas. O dever chamava e ela ia a caminho.

Agora perscrutava os edifícios decrepitos, as ruas sujas. As cicatrizes, as verrugas, os tumores que cortavam ou se destacavam sobre cimento e aço.

De uma sarjeta era ejetado vapor, disparado pela meia-vida agitada de movimento e comércio sob as ruas. Atravessar esse vapor era como cortar o nevoeiro num rio poluído.

A sua casa, desde que estava com Roarke, era um mundo à parte deste. Vivia com madeira polida, cristais reluzentes, o cheiro de velas e flores de estufa. De abundância.

Mas ela sabia o que era provir de lugares como este. Sabia como eram parecidos, cidade a cidade, nos cheiros, rotinas e desespero.

As ruas estavam quase vazias. Poucos eram os residentes daquele setor horrível que se aventuravam a sair cedo. Os traficantes e prostitutas de rua já teriam acabado o trabalho dessa noite e teriam rastejado de volta para os seus pardieiros antes do nascer do dia. Comerciantes suficientemente corajosos para ter lojas e armazéns ainda não tinham descodificado as grades contra motins das portas e vitrinas. Vendedores de carrinhos ambulantes suficientemente desesperados para fazer negócio naquele território traziam eletrocutores portáteis e trabalhavam em pares.

Ela viu o carro-patrolha preto e branco e franziu o sobrolho perante o serviço medíocre dos agentes ao isolar o local.

— Por que raio não acabaram de passar os sensores? Sinceramente. Tiram-me da cama às cinco da manhã e nem sequer isolaram o local? Não admira que sejam coletores. Idiotas.

Peabody permaneceu em silêncio quando Eve travou a fundo atrás

do carro-patrolha e bateu com a porta do seu veículo ao sair. Os idiotas, pensou ela com alguma pena, iam levar uma descasca de uma perita.

Quando Peabody saiu do carro, Eve, determinada, já atravessara o passeio com passadas longas em direção aos dois agentes fardados, encostados um ao outro cheios de frio.

Reparou que os dois agentes endireitaram os ombros num ápice. A Tenente tinha esse efeito nos outros policiais, pensou Peabody enquanto tirava o conjunto de campo do veículo. Ela punha-os em sentido.

Não se tratava apenas do seu olhar, concluiu Peabody, com aquele corpo esguio, a cabeleira castanha simples e muitas vezes despenteada, com reflexos louros, reflexos ruivos, reflexos, pensou Peabody, de tudo. Eram os olhos, típicos de polícia, e a cor de bom uísque irlandês, a pequena cova no queixo firme sob uma boca carnuda que conseguia ficar rija como pedra.

Peabody achava a sua cara forte e cativante, em parte, concluiu, porque Eve não tinha qualquer vaidade.

Apesar de o seu aspeto captar a atenção de um polícia, era a sua presença óbvia que os punha em sentido num ápice.

Era a melhor agente que Peabody jamais conhecera. Uma agente pura, com a qual atravessaríamos uma porta sem qualquer hesitação. Do género que defende mortos e vivos.

E do género, pensou Peabody à medida que se aproximava o suficiente para ouvir o fim do sermão cáustico de Eve, que desancava quem tivesse de ser desancado.

— Vamos lá então recapitular — disse Eve despreocupadamente. — Se participam um homicídio e me tiram da cama, acho bem que tenham o local isolado e o relatório pronto para me entregar quando eu chego. Não se põem aqui feitos dois palermas a chuchar no dedo. São policiais, por amor de Deus. Ajam como tal.

— Sim, Tenente — proferiu o membro mais jovem da equipa com uma voz trémula. Era apenas um rapaz e o único motivo pelo qual Eve se contivera mais. Já a sua colega não era novata e foi brindada com um dos olhares frígidos de Eve.

— Sim, Tenente — disse ela entre dentes. O ressentimento notório no seu tom de voz fez Eve inclinar a cabeça.

— Há algum problema, agente Bowers?

— Não, Tenente.

A sua cara estava da cor da cerejeira envelhecida e nela se destacavam os seus olhos de um azul muito claro. Tinha o cabelo preto curto sob o chapéu de polícia. O seu casaco normal não tinha um botão e os seus sapatos estavam gastos e coçados. Eve podia ter implicado com ela por isso, mas

achou que ter um emprego miserável era desculpa para não se importar com a aparência.

— Ótimo. — Eve limitou-se a abanar a cabeça, mas o aviso no seu olhar era óbvio. Desviou o olhar para o colega e sentiu alguma pena. Estava branco como cal, trémulo, e era claro como água que acabara de sair da Academia.

— Agente Trueheart, a minha auxiliar mostrar-lhe-á a forma correta de isolar o local de um crime. Faça o favor de prestar atenção.

— Sim, Tenente.

— Peabody. — Bastou esta palavra para ela pegar no seu conjunto de campo. — Mostre-me o que temos aqui, Bowers.

— Indigente. Homem caucasiano. Dá pelo nome de Snooks. Esta era a casa dele.

Ela gesticulou para um abrigo bastante bem pensado, composto por um caixote de transporte alegremente pintado com estrelas e flores, finalizado com uma tampa amolgada de um caixote de reciclagem velho. Havia um cobertor comido das traças atravessado na entrada e um letreiro feito à mão pendurado por cima que apenas dizia Snooks.

— Ele está lá dentro?

— Sim, parte da patrulha implica dar uma vista de olhos às barracas à procura de cadáveres para recolher. O Snooks está bem morto — disse ela tentando fazer uma piada, percebeu depois Eve.

— Aposto que sim. Mas que aroma tão agradável — murmurou ela à medida que se aproximava e o vento já não conseguia disfarçar o cheiro.

— Foi isso que me fez suspeitar. Cheira sempre mal. Esta gente toda cheira a suor, a lixo e coisas piores, mas os cadáveres têm um cheiro diferente.

Eve conhecia muito bem esse cheiro. Era adocicado, insuportável. E ali, disfarçado pelo miasma de urina e carne podre, estava o cheiro da morte, bem como o vestígio metálico brilhante de sangue, reparou ela com uma ligeira careta.

— Foi apunhalado? — Quase suspirou quando abriu o seu conjunto para tirar a lata de selante. — Com que propósito? Estes sem-abrigo não têm nada que valha a pena roubar.

Pela primeira vez, Bowers permitiu-se esboçar um sorriso discreto. Mas os seus olhos estavam frios e sem expressão, repletos de amargura. — Alguém lhe roubou alguma coisa, não há dúvida. — Satisfeita consigo mesma, recuou. Esperava ardentemente que a Tenente arrogante apanhasse um grande choque com o que vira atrás da cortina esfarrapada.

— Chamou o médico-legista? — perguntou Eve à medida que protegia as mãos e as botas.

— Essa decisão cabe a quem chegar primeiro ao local — disse Bowers de modo pedante, com a malícia ainda bem presente nos seus olhos. — Decidi deixá-la para a Brigada de Homicídios.

— Por amor de Deus, o homem está morto ou não? — Enojada, Eve avançou, curvando-se para a frente para afastar a cortina.

Era sempre um choque, mas não tão grande como Bowers esperava. Eve já vira muita coisa muitas vezes para se deixar afetar. Mas nunca deixava de ficar espantada com o que um ser humano tem coragem de fazer a outro. E a pena que se agitava dentro e por todo o corpo da Tenente era algo que a mulher a seu lado jamais sentiria e jamais compreenderia.

— Pobre desgraçado — disse baixinho e pôs-se de cócoras para fazer um exame visual.

Num aspeto Bowers tinha razão. Snooks estava bem morto. Não era mais do que um monte de ossos e cabelo desganhado e fino. Tinha as mãos e os olhos abertos e reparou que não tinha mais de metade dos dentes. Aquele tipo de gente raramente aproveitava os programas dentários e de saúde.

Os seus olhos já estavam vítreos e tinham um tom castanho pastoso. Ela deduziu que ele deveria ter cem anos e, mesmo que não tivesse sido morto, jamais teria conseguido a média de mais vinte anos que uma nutrição decente e a medicina lhe poderiam proporcionar.

Ela reparou também que as suas botas, apesar de gretadas e riscadas, ainda estavam para durar, bem como o cobertor que tinha sido posto ao lado do caixote. Também tinha algumas quinquilharias. A cabeça de uma boneca de olhos arregalados, uma lanterna em forma de sapo, uma caneca partida que enchera com flores de papel cuidadosamente elaboradas. E as paredes estavam cobertas com mais formas de papel. Árvores, cães, anjos e as suas tão apreciadas estrelas e flores.

Ela não via qualquer indício de luta, não tinha marcas recentes ou cortes supérfluos. Quem matara o velhote fizera-o com eficiência.

Não, pensou ela, ao estudar o orifício do tamanho de um punho que este tinha no peito. Cirurgicamente. A pessoa que tirara o coração de Snooks provavelmente teria usado um bisturi a laser.

— Aqui está a prova de homicídio, Bowers.

Eve recuou calmamente, deixando a cortina cair. Sentiu o sangue ferver e o seu punho cerrar-se quando viu o sorriso de satisfação na cara da agente.

— Muito bem, Bowers, não gostamos uma da outra. É daquelas coisas. Mas seria inteligente da sua parte lembrar-se que eu lhe posso fazer mais a vida a negra do que você a mim. — Deu um passo em frente, batendo com a ponta das suas botas contra a ponta dos sapatos de Bowers, só

para garantir que ela a entendia. — Seja inteligente, Bowers, e tire-me esse sorriso gozão da cara e não me atrapalhe.

O sorriso gozão desapareceu, mas os olhos de Bowers dispararam pequenas faíscas de animosidade. — É contra o código da Polícia um oficial superior usar linguagem ofensiva para com um agente.

— Ai sim? Então, não se esqueça de escrever isso no seu relatório, Bowers. Quero-o em triplicado e em cima da minha secretária às dez horas. Afaste-se — acrescentou ela já num tom calmo.

Foram precisos dez segundos murmurantes de olhos nos olhos para que Bowers baixasse o olhar e se afastasse.

Ignorando-a, Eve voltou as costas e sacou do seu comunicador. — Fala Dallas, a Tenente Eve. Tenho um homicídio.

Mas porque, pensou Eve à medida que se agachava dentro do caixote para examinar o corpo, *haveria alguém de roubar um coração tão obviamente gasto?* Lembrou-se que durante um período após as Guerras Urbanas, os órgãos roubados eram muito procurados no mercado negro. Frequentemente os traficantes não tinham paciência para esperar que um dador morresse para fazer a transferência, mas isso fora há décadas, antes de se conseguir aperfeiçoar os órgãos artificiais.

A doação e mediação de órgãos ainda eram práticas populares. E quis-lhe parecer que também havia construção de órgãos, apesar de não ligar muito às novidades e notícias da área de medicina.

Não confiava em médicos.

Eve deduziu que aos muitos ricos não agradava a ideia de um implante fabricado. Um coração ou um rim humano de um jovem acidentado podia ter valores astronómicos, mas tinha de estar em ótimas condições. O estado de Snooks estava longe de ser ótimo.

Ela contorceu o nariz perante o fedor, mas inclinou-se para a frente. Para uma mulher que detestava hospitais e centros de saúde tanto como ela, o cheiro ligeiramente enjoativo a antisséptico fazia-lhe tremer as narinas.

Sentiu-o vagamente nesse local, fez uma careta e sentou-se sobre os calcanhares.

O seu exame preliminar dizia-lhe que a vítima morrera à meia-noite, dois minutos e dez segundos, dada a temperatura exterior nessa noite. Precitaria das análises ao sangue e dos relatórios toxicológicos para saber se consumira drogas, mas para já conseguia perceber que ele era alcoólico.

Tinha uma garrafa castanha reutilizável destinada a transportar cerveja caseira encaixada num canto, quase vazia. Encontrou um pequeno monte, quase ridículo, de ilegais. Um charro estreito feito à mão de Zoner, algumas cápsulas cor-de-rosa que provavelmente seriam Jags e um saco pe-

queno e imundo de pó branco que, após cheirar, deduziu tratar-se de Grin com um pouco de Zeus.

Havia teias reveladoras de derrames sanguíneos na sua cara amolgada, sinais óbvios de malnutrição, e crostas derivadas de uma provável doença de pele nada agradável. O homem era alcoólico, fumava, comia lixo e praticamente estava pronto para morrer durante o sono.

Para quê matá-lo?

— Desculpe? — Eve não olhou para trás quando Peabody afastou a cortina. — O médico-legista chegou.

— Para quê tirar-lhe o coração? — murmurou Eve. — Para quê tirar-lho cirurgicamente? Se fosse um homicídio simples, deveriam tê-lo maltratado, pontapeado. Se gostavam de mutilação, porque não mutilaram? Isto requer investigação.

Peabody examinou o corpo e fez um esgar. — Nunca vi uma cirurgia cardíaca, mas acredito em si.

— Olha para a ferida — disse Eve impacientemente. — Ele deveria ter-se esvaído em sangue, não? Um orifício do tamanho de um punho no peito, por amor de Deus. Mas eles, sejam lá quem forem, usaram grampos, estancaram hemorragias, tal como numa cirurgia. Este não queria fazer porcaria, não achou necessário. Não, tem orgulho naquilo que faz — acrescentou ela, atravessando de lado a abertura e depois pondo-se de pé para inspirar profundamente o ar muito mais puro do lado de fora. — Ele é conhecedor, deve ter tido alguma formação. E acho que dificilmente o terá feito sozinho. Mandaste os coletores à procura de testemunhas?

— Sim. — Peabody procurou nas ruas desertas, pelas montras partidas, no amontoado de caixas e caixotes no fundo do beco do outro lado da rua. — Desejo-lhes boa sorte.

— Tenente.

— Morris. — Eve ergueu uma sobrancelha quando reparou que lhe calhara o melhor médico-legista de locais de crime. — Não contava ter um especialista a tratar do homicídio de um sem-abrigo.

Satisfeito, ele sorriu e os seus olhos cheios de vida deambularam. Trazia o cabelo todo puxado para trás, apanhado, coberto com um gorro de esqui vermelho vivo. Eve sabia que Morris gostava de se vestir bem.

— Estava disponível e achei este caso interessante. Não tem coração?

— Bem, não encontrei nenhum.

Este riu-se e aproximou-se do caixote. — Vamos lá ver.

Ela tremeu, invejando o seu sobretudo comprido e nitidamente quente. Ela tinha um, Roarke dera-lhe um sobretudo lindíssimo no Natal, mas ela evitava usá-lo em serviço. Era só o que faltava, sujar com sangue e vários fluidos corporais aquela caxemira fabulosa de cor de bronze.

Lembrou-se, convita, à medida que se agachava novamente, que deixara as luvas novas nos bolsos desse sobretudo fabuloso. Por isso estava com as mãos geladas.

Colocou-as nos bolsos do seu casaco de cabedal, encolheu os ombros contra o vento frio e observou o trabalho de Morris.

— Ótimo trabalho — murmurou Morris. — Ótimo trabalho, sem dúvida.

— Ele tinha formação, não?

— Sim. — Fixando óculos microscópicos sobre os olhos, Morris perscrutou o peito aberto. — Sim, sem dúvida, tinha formação. Esta não foi a sua primeira cirurgia. E usou também os melhores instrumentos. Não usou um bisturi caseiro nem improvisou afastadores de costelas. Este homicida é um cirurgião magnífico. A inveja que eu tenho da sua habilidade.

— Alguns cultos gostam de usar partes do corpo nas suas cerimónias — disse Eve meio para si mesma. — Mas normalmente cortam e mutilam quando matam. E gostam de rituais, de ambiente. Neste caso não há nada disso.

— A motivação não parece ser religiosa, parece ser médica.

— Sim. — Isso corroborou as deduções de Eve. — É possível que tenha sido só uma pessoa?

— Duvido. — Morris projetou o lábio inferior para fora e deixou-o voltar ao lugar. — Para levar a cabo uma cirurgia minuciosa como esta, nestas condições difíceis, teria de ser um assistente muito capacitado.

— Faz ideia do motivo porque lhe tiraram o coração, se não foi para adorar um demónio qualquer?

— Não faço a mínima ideia — disse Morris animadamente e gesticulou para que ela recuasse. Quando já ambos estavam novamente no exterior, ele exalou. — Admira-me que o velhote não tenha morrido asfixiado com este fedor. Mas pelo exame visual, diria que o coração estava nas últimas. Recolheu as impressões e a amostra de ADN para identificação?

— Já está tudo selado e pronto para o laboratório.

— Então, vamos pô-lo no saco e levá-lo.

Eve assentiu com a cabeça. — Está suficientemente curioso para dar prioridade a este caso?

— Na verdade, estou, sim. — Ele sorriu e fez sinal à sua equipa. — Devia usar um chapéu, Dallas, está um gelo de rachar.

Eve fez um ar de escárnio, mas daria o equivalente a um mês de salário por uma caneca de café quente. Deixando Morris a trabalhar, foi ter com Bowers e Trueheart.

Bowers cerrou os dentes. Estava com frio, fome e muito ressentida com a consulta amistosa que testemunhara entre Eve e o médico-legista chefe.

Provavelmente deve andar enrolada com ele, pensou Bowers. Ela conhecia Eve Dallas, conhecia o tipinho. Conhecia muito bem. Uma mulher como ela só ascendia na carreira porque abria as pernas enquanto subia. O único motivo pelo qual Bowers continuava na mesma era porque se recusava a fazê-lo deitada.

O jogo é mesmo assim. E o seu coração começou a bater forte no peito, o sangue a trovejar na sua cabeça. Mas um dia ela vingaria-se.

Vaca, cabra. As palavras ecoaram no seu cérebro, chegando-lhe quase à boca. Mas ela conteve-as. Lembrou a si mesma que ainda sabia o que fazia.

O ódio que Eve lera nos olhos pálidos de Bowers era um enigma. Concluiu que era demasiado cruel para ser resultado de um mero, e merecido, raspanete por parte de um oficial superior. Sentiu uma vontade estranha de atacar, de sacar da sua arma. Em vez disso, ergueu as sobrancelhas e aguardou um momento. — O seu relatório, agente?

— Ninguém viu nada, ninguém sabe de nada — disparou Bowers. — Esta gente é mesmo assim, não sai do seu buraco.

Apesar de Eve estar de olhos postos em Bowers, detetou um ligeiro movimento por parte do novato. Seguindo o seu instinto, pôs a mão no bolso e tirou alguns créditos soltos. — Traga-me um café, agente Bowers.

O desdém rapidamente se transformou em choque indignado, Eve teve de se esforçar muito para conter um sorriso malicioso. — Quer que lhe traga um café?

— Exatamente, quero café. — Pegou na mão de Bowers e nela deitou os créditos. — A minha auxiliar também quer. Você conhece o bairro, vá até à loja de conveniência mais próxima e traga-me um café.

— O Trueheart está abaixo de mim.

— Eu falei com o Trueheart, Peabody? — disse Eve cordialmente.

— Não, Tenente. Parece-me que se estava a dirigir à agente Bowers. — Como Peabody também não gostava do aspeto da mulher, sorriu. — Eu quero com natas e açúcar, a Tenente gosta dele simples. Acho que há uma loja de conveniência a um quarteirão daqui. Deve ser rápido.

Bowers manteve-se imóvel durante mais um momento e depois rodou os calcanhares e seguiu caminho. O vento frio tornou perceptível quando esta murmurou “cabra”.

— Caramba, Peabody, a Bowers acabou de lhe chamar cabra.

— Acho que se referia a si, Tenente.

— Sim. — O sorriso de Eve era temeroso. — Provavelmente tem razão. Muito bem, Trueheart, desembuche.

— Desculpe? — A sua cara já pálida ficou ainda mais branca ao ser diretamente abordado.

— O que acha? O que sabe?

— Eu não...

Quando ele olhou nervosamente para Bowers, que recuava hirta, Eve colocou-se na linha de visão, o seu olhar gélido e imperativo. — Esqueça-a, agora está a lidar comigo. Quero o seu relatório sobre o reconhecimento.

— Eu... — A sua maçã-de-adão tremeu. — Ninguém na área adjacente admite ter testemunhado qualquer distúrbio nas proximidades nem visitas à barraca da vítima durante o período em questão.

— E então?

— É que... eu ia contar à Bowers — continuou rapidamente — mas ela não me deixou falar.

— Conte-me a mim — sugeriu Eve.

— É sobre o Gimp? A barraca dele sempre esteve deste lado, ao fundo da do Snooks, desde que faço esta ronda. Só estou cá há alguns meses, mas...

— Ontem patrulhou esta área? — interrompeu Eve.

— Sim, Tenente.

— E estava uma barraca ao lado da do Snooks?

— Sim, Tenente, como sempre. Agora está do outro lado da rua, bem no fundo do beco.

— Interrogou-o?

— Não, ele não está lúcido. Não o pudemos deter e a Bowers disse que não valia a pena porque ele é um bêbedo de primeira.

Eve estudou-o atenciosamente. Voltara a ganhar cor, bombeada até às faces pelos nervos e a força do vento. Mas concluiu que ele tinha olhos meigos. Nítidos e definidos. — Há quanto tempo acabou a Academia, Trueheart?

— Há três meses, Tenente.

— Então está desculpado por não saber reconhecer uma paspalha fardada. — Ela inclinou a cabeça quando um rasgo de humor tremeu na boca de Trueheart. — Mas pressinto que vai aprender. Mande vir uma carinha e envie o seu amigo Gimp para a cela comum na esquadra central. Quero falar com ele quando estiver sóbrio. Ele conhece-o?

— Sim, Tenente.

— Então, fique com ele e traga-o quando ele conseguir falar com coerência. Quero assistir ao interrogatório.

— Quer que eu... — Trueheart arregalou os olhos, o seu olhar iluminando-se. — Estou destacado na Ligeira, a Bowers é minha formadora.

— É mesmo isso que quer, agente?

Ele hesitou e exalou rapidamente. — Não, Tenente, não é.

— Então, porque não faz o que lhe mando? — Virou costas para ir incomodar a equipa de investigação e deixou-o a sorrir.

— Muito bem — disse Peabody quando já estavam no veículo com copos de café quente e mal saboroso.

— Não comeces, Peabody.

— Ora, Dallas, você foi simpática com o rapaz.

— Ele mencionou uma potencial testemunha e foi outra maneira de chatear a idiota da Bowers. — Eve esboçou um ligeiro sorriso. — Quando puderes, verifica a ficha dela, Peabody. Gosto de saber tudo o que posso sobre pessoas que me querem esfolar.

— Trato disso quando chegarmos à esquadra. Quer em papel?

— Sim. Verifica também a ficha do Trueheart, por uma questão meramente formal.

— Não me importava nada de o verificar a ele. — Peabody abanou as sobranceiras — Ele é muito giro.

Eve olhou para ela de lado. — És patética e muito velha para ele.

— Não devo ter mais de dois, três anos do que ele — disse Peabody ligeiramente insultada. — E há homens que preferem mulheres mais experientes.

— Julgava que estavas bem com o Charles.

— Saímos de vez em quando. — Peabody encolheu os ombros, pois ainda não se sentia à vontade para falar daquele homem com Eve. — Mas não somos comprometidos.

É tramado estar comprometida com um companheiro libertino, pensou Eve, mas não disse nada. Verbalizar a sua opinião acerca da relação de Peabody com Charles Monroe por pouco não quebrara o laço entre elas há algumas semanas atrás.

— Isso não te incomoda? — optou por dizer.

— É assim que ambos queremos. Gostamos um do outro, Dallas. Divertimo-nos juntos. Gostava que você... — Deteve-se, fechando firmemente a boca.

— Eu não disse nada.

— Pois está a pensar bem alto.

Eve encaixou os dentes. Prometeu a si mesma que não voltariam a falar disso. — O que eu estava a pensar — disse ela pausadamente — era em tomar o pequeno-almoço antes de tratarmos da papelada.

Deliberadamente, Peabody desfez a rigidez dos seus ombros. — Pode ser, especialmente se for você a pagar.

— Eu paguei na última vez.

— Acho que não, mas posso verificar nos meus registos. — Mais animada, Peabody tirou a sua agenda eletrónica e fez Eve rir-se.

O melhor que se podia dizer da mixórdia servida na cantina da Central de Polícia era que saciava quem tivesse uma fome varada. Entre dentadas do que deveria ser uma omeleta de espinafres, Peabody acedia a dados no seu computador de bolso.

— Ellen Bowers — comunicou ela. — Sem inicial no meio. Formou-se na Academia de Nova Iorque em 1946.

— Eu andei lá em 1946 — disse Eve, pensativa. — Ela devia andar um ano à minha frente. Não me lembro dela.

— Não posso pedir os registos dela da Academia sem autorização.

— Não te preocupes com isso. — Carrancuda, Eve atirou-se ao bocado de cartão disfarçado de panqueca que tinha no prato. — É polícia há doze anos e anda a recolher cadáveres na Baixa? Quem mais ela terá irritado?

— Destacada para a 162^a esquadra nos últimos dois anos, passou mais dois na 47^a. Antes disso, estive na Brigada de Trânsito. Caramba, ela tem andado por todo o lado, Dallas. Estive uns tempos na Central de Polícia, nos Registos, mais uma temporada na 28^a, a Patrulha de Parques, maioritariamente a fazer patrulhas a pé.

Visto que nem o pequeno lago de xarope em que Eve afogou a panqueca a tornou mais fofa, ela desistiu e bebeu o café que, de tão quente, até escaldava as entranhas. — Parece que a nossa amiga tem tido dificuldade em encontrar o seu nicho ou então o Departamento anda a ver se a despaça.

— É necessário autorização para aceder à transferência de documentos e/ou relatórios pessoais de progresso.

Eve pensou no assunto e depois abanou a cabeça. — Não, cheira-me que a coisa é complicada e provavelmente não vamos apanhar mais com ela, de qualquer forma.

— Sei que ela é solteira. Nunca foi casada, não tem filhos. Tem 35 anos, os pais vivem em Queens, tem três irmãos. Dois irmãos e uma irmã. E tenho a minha opinião pessoal — acrescentou Peabody enquanto colocava o computador de lado. — Espero que não tenhamos de apanhar mais com ela porque está desejosa de lhe fazer mal.

Eve limitou-se a sorrir. — Isso vai deixá-la frustrada, não? Tens uma opinião pessoal sobre o motivo?

— Não faço ideia, apenas sei que você é você e ela não é. — Incomodada, Peabody mexeu os ombros. — Mas eu estaria atenta. Ela pareceu-me do tipo traiçoeiro.

— É improvável que nos cruzemos com regularidade. — Eve arquivou o caso, não lhe prestando muita atenção. — Come, quero ir ver se o sem-abrigo do Trueheart sabe alguma coisa.

Ela decidiu usar uma sala de interrogatório, consciente de que a sua formalidade rígida fazia as pessoas falar mais. Bastou olhar uma vez para Gimp para perceber que apesar de ele estar coerente agora, graças a uma boa dose de Cura-Ressaca, o seu corpo escanzelado tremia e os seus olhos nervosos não paravam quietos.

Um breve giro no tanque de descontaminação provavelmente afastara quaisquer parasitas e depositara uma fina camada de cheiro a limão falso sobre o seu fedor.

Tratava-se de um toxicodependente, pensou Eve, com vários vícios que certamente lhe tinham fritado boa parte das células cerebrais.

Trouxe-lhe água, sabendo que a maioria dos viciados em cerveja fica com a boca seca depois da descontaminação. — Que idade tem, Gimp?

— Não sei, talvez cinquenta.

Parecia ter uns oitenta anos muito mal conservados, mas ela deduziu que ele não estaria muito longe da verdade. — Tem outro nome?

Ele encolheu os ombros. Tinham-lhe levado a roupa e deitado fora. O fato cinzento e calças com cintura de cordão estavam-lhe largos e eram praticamente da mesma cor da sua pele. — Não sei, chamo-me Gimp.

— Muito bem. Conhece o agente Trueheart, não conhece?

— Sim, sim. — De repente, a cara maltratada brilhou com um sorriso tão puro como o de um bebé. — Olá. Deu-me alguns créditos, disse-me para ir comer uma sopa.

Trueheart corou incomodado e rodopiou sobre os sapatos de polícia. — Deduzo que comprou cerveja com o dinheiro.

— Não sei. — O sorriso desfez-se à medida que os seus olhos irrequietos voltaram a pousar sobre Eve. — Quem é você? Porque tenho de estar aqui? Não fiz nada. Se eu não estiver lá de olho, roubam-me as minhas coisas.

— Não se preocupe com as suas coisas, Gimp. Nós tratamos disso. Eu sou a Dallas. — Ela manteve o seu tom de voz baixo e calmo, o seu rosto sereno. Se fosse muito marcial, acabaria por assustá-lo, pensou ela. — Só quero falar consigo. Quer comer alguma coisa?

— Não sei. Talvez.

— Trazemos-lhe qualquer coisa quente depois de falarmos. Vou ligar o gravador para esclarecermos tudo.

— Eu não fiz nada.

— Ninguém acha o contrário. Ligar gravador — ordenou ela. — Interrogatório à testemunha conhecida como Gimp, em relação ao caso número 28913-H. Interrogatório conduzido pela Tenente Eve Dallas. Também presentes os agentes Delia Peabody e... — Ela olhou para o agente.

— Troy. — Ele voltou a corar.

— Troy Trueheart? — disse Eve com a língua encostada à bochecha. — Muito bem. — Depois fixou o olhar no homem patético à sua frente. — A testemunha em causa não é suspeita de qualquer ato ilícito. Esta investigadora agradecerá que ele colaborasse. Compreende, Gimp?

— Sim, acho que sim. O que foi?

Ela não suspirou, mas por momentos receou que a detestável Bowers tivesse razão em relação a ele. — Não está aqui por se ter metido em sari-lhos. Estou-lhe grata por falar comigo. Ouvi dizer que mudou a sua casa ontem à noite.

Ele humedeceu os lábios gretados com a língua e bebeu. — Não sei.

— Costumava tê-la do outro lado da rua, perto da do Sooks. Conhece o Sooks, não conhece, Gimp?

— Talvez. — A mão dele tremeu, vertendo água sobre a mesa. — Ele faz desenhos. Desenhos bonitos. Dei-lhe um pouco de Zoner em troca de um desenho bonito de uma árvore. Também faz flores. É bonito.

— Eu vi as flores dele. São bonitas. Ele era seu amigo?

— Sim. — Os seus olhos ficaram rasos de água e lágrimas transbordaram dos rebordos vermelhos. — Talvez. Não sei.

— Alguém lhe fez mal, Gimp. Tinha conhecimento disso?

Nessa altura, ele encolheu os ombros, sacudiu violentamente um ombro e começou a olhar em redor, pela sala. As lágrimas não paravam de lhe cair pelas faces, mas os seus olhos, baralhados, estavam vítreos. — Porque tenho de estar aqui? Não gosto de estar fechado. Quero as minhas coisas. De certeza que me vão roubar as coisas.

— Viu quem lhe fez mal?

— Posso ficar com esta roupa? — Inclinando a cabeça, começou a sentir a manga do fato. — Deixam-me ficar com ela?

— Sim, pode ficar com ela. — Semicerrando os olhos, ela seguiu o seu instinto. — Porque não ficou com as botas dele, Gimp? Ele estava morto e as botas eram boas.

— Eu não roubo coisas ao Sooks — disse ele com alguma dignidade. — Nem mesmo morto. Não se rouba um amigo, nem pensar nisso. Porque acham que o mataram? — Com um ar genuíno de espanto, incli-

nou-se para a frente. — Porque acham que lhe abriram aquele buracão no corpo?

— Não sei. — Eve também se inclinou para a frente, como se mantivessem uma conversa calma e pessoal. — Estou farta de pensar nisso. Havia alguém chateado com ele?

— Com o Snooks? Ele não fazia mal a ninguém. Nós metemo-nos na nossa vida e pronto. Podemos mendigar um pouco se os droides de patrulha não repararem em nada. Não tenho licença para mendigar, mas arranjamos alguns créditos se não houver droides por perto. O Snooks às vezes vende as flores de papel que faz e vamos comprar cerveja ou tabaco e não nos metemos com ninguém. Não havia motivo para o matar, pois não?

— Não, o que lhe fizeram foi uma maldade. Viu-os ontem à noite?

— Não sei. Não sei o que vi. Olá! — Voltou a irradiar o seu sorriso em direção a Trueheart. — Podia voltar a dar-me alguns créditos, não? Para comprar sopa.

Trueheart lançou um olhar a Eve e ela acenou-lhe com a cabeça. — Claro, Gimp. Eu dou-lhe algum dinheiro antes de se ir embora. Só tem de falar mais um pouco com a Tenente.

— Gostava do velho Sooks, não gostava?

— Gostava muito dele. — Trueheart sorriu e, aproveitando a deixa de Eve, sentou-se. — Ele fazia desenhos giros. Deu-me uma das suas flores de papel.

— Só as dava a pessoas de quem gostava — disse Gimp com vivacidade. — Ele gostava de si. Ele disse-mo. Não gostava da outra e eu também não. Essa tem olhos de má. Se pudesse, partia-nos os dentes todos. — A sua cabeça abanou para cima e para baixo como a cabeça de um boneco. — E você que faz com ela?

— Ela agora não está aqui — disse Trueheart meigamente. — Quem está aqui é a Tenente e ela não tem olhos de má.

Gimp fez beicinho e estudou a cara de Eve. — Talvez não. Mas não deixa de ser polícia. Tem olhos de polícia. Polícias, polícias, polícias. — Ele riu-se, emborcou água e olhou para Peabody. — Polícias, polícias, polícias. — Só lhe faltou cantar.

— Lamento muito pelo velho Sooks — continuou Trueheart. — Aposto que ele gostaria que contasse à Tenente Dallas o que aconteceu. Gostaria que fosse você a falar porque eram amigos.

Gimp fez uma pausa e puxou o lóbulo da orelha. — Acha que sim?

— Acho. Porque não lhe conta o que viu ontem à noite?

— Não sei o que vi. — Com a cabeça novamente inclinada, Gimp começou a bater com os lados dos punhos na mesa. — Apareceram umas pessoas. Não é costume ver pessoas por lá à noite daquela forma. Traziam

um carro preto grande. O cabrão era mesmo grande! Até reluzia no escuro. Não disseram nada.

Eve levantou um dedo, indicando a Trueheart que ia assumir novamente o comando do interrogatório. — Quantas pessoas, Gimp?

— Duas. Traziam casacos pretos compridos. Pareciam bem agasalhados. Traziam máscaras na cara, só se viam os olhos. Eu pensei para mim: *Espera lá, não é Dia de Bruxas, merda.* — Ele não aguentou e desatou a rir-se deliciado. — Não é Dia de Bruxas, merda — repetiu, arfando — mas traziam máscaras e sacos como se viessem pedir doces.

— Como eram os sacos?

— Um deles trazia um saco grande, preto e brilhante. E o outro trazia outra coisa, era branco e parecia que tinha água lá dentro, pelo barulho. Foram diretos à barraca do Snooks como se tivessem sido convidados. Só ouvi o barulho do vento, talvez tenha voltado a adormecer.

— Eles viram-no? — perguntou-lhe Eve.

— Não sei. Traziam casacos quentes e bons sapatos, um carrão. Nunca pensei que eles abrissem aquele buracão no Snooks. — Gimp inclinou-se novamente na direção dela, de cara comum e sincera e olhos novamente rasos de água. — Se pensasse, provavelmente tentava impedi-los ou ia a correr chamar o droide que faz a patrulha, porque somos amigos.

Por essa altura já estava a chorar. Eve inclinou-se sobre ele, colocou uma mão sobre a dele, apesar de estar coberta de crostas. — Não sabia, não tem culpa, a culpa é deles. Que mais viu?

— Não sei. — Os seus olhos e nariz pingavam como torneiras. — Acho que voltei a adormecer. Depois devo ter acordado e olhado para fora. Mas já não vi carro nenhum. Estava lá algum carro? Não sei. O dia estava a clarear e fui ter com o Snooks. Talvez ele soubesse se lá estava um carrão preto. E vi-o, vi o buracão que lhe fizeram e o sangue. Tinha a boca bem aberta e os olhos também. Fizeram-lhe um buraco, podiam muito bem querer fazer-me o mesmo, por isso, não podia ficar ali. Não podia fazer isso, nem pensar. Tinha de tirar as minhas coisas dali de perto. Tinha de tirar todas as minhas coisas dali. E foi isso mesmo que fiz, nem mais. E depois bebi o resto da cerveja que tinha e voltei a adormecer. Não ajudei o velho Snooks.

— Está a ajudá-lo agora. — Eve recostou-se. — Falemos mais das duas pessoas de casacos compridos.

Interrogou-o durante mais uma hora, fazendo-o regressar quando ele vagueava para muito longe durante muito tempo. Apesar de não ter conseguido arrancar-lhe qualquer informação, Eve não deu a hora por desperdiçada. Ele agora já a reconheceria se tivesse de ir outra vez atrás dele. Lembrar-se-ia bem dela e recordar-se-ia de que o encontro não fora desa-

gradável. Especialmente porque ela lhe mandara trazer uma refeição quente e lhe dera cinquenta créditos que Eve sabia que serviriam para comprar cerveja e ilegais.

Ele devia estar internado, pensou ela, ou numa casa de recuperação. Mas ele não teria aguentado. Há muito que ela aceitara que não é possível salvar toda a gente.

— Fez um bom trabalho, Trueheart.

Ele voltou a corar e apesar de ela considerar esse traço um tanto enternecedor, tinha esperança que ele aprendesse a controlá-lo. Os outros policiais comê-lo-iam vivo antes que os maus da fita lhe pudessem ferrar o dente.

— Obrigado, Tenente. Agradeço a oportunidade que me deu de ajudar no interrogatório.

— Foi você que o encontrou — disse Eve simplesmente. — Deduzo que tenha planos para si fora da Brigada Ligeira de Homicídios.

Desta feita ele endireitou os ombros. — Quero um distintivo de inspetor, quando o merecer.

Era raro encontrar um polícia novato que não tivesse essa aspiração específica, mas ela assentiu com a cabeça. — Pode começar por merecê-lo sendo perseverante. Posso e estou disposta a usar uma cunha para o transferir, para mudar de zona e formador. Mas vou pedir que se mantenha onde está. Tem olhos atentos, Trueheart, e quero que os use na sua patrulha até encerrarmos este caso.

Ele ficou tão radiante com a proposta e o pedido que os seus olhos quase lhe saltaram da cabeça. — Serei perseverante.

— Ótimo. A Bowers vai atazaná-lo por causa disto.

Ele fez um esgar. — Já começo a habituar-me.

Era uma oportunidade para lhe pedir mais, para lhe sacar mais detalhes sobre a Bowers. Mas não a aproveitou, não quis colocar o novato na posição de dizer mal da própria formadora.

— Muito bem. Volte para o seu posto e elabore o seu relatório. Se encontrar alguma coisa que se aplique a este caso, contate-me a mim ou à Peabody.

Ela dirigiu-se ao seu escritório enquanto dava ordens a Peabody para duplicar o disco do interrogatório. — E precisamos da lista de traficantes conhecidos nessa área. Não podemos excluir por completo a ligação dos ilegais. Não me ocorre nenhum traficante de químicos que mate os seus clientes vagabundos removendo cirurgicamente órgãos vitais, mas tudo é possível. E também vamos investigar cultos conhecidos — continuou ela à medida que Peabody introduzia as ordens no seu livro de memorandos. — Há aqui algo que não me cheira bem, mas vamos investigar.

— Posso contatar a Isis — sugeriu Peabody, referindo-se a uma praticante de Wicca com a qual tinham trabalhado noutra caso. — Pode ser que ela saiba se um dos cultos de magia negra costuma fazer estas coisas.

Eve resmungou, acenou com a cabeça e apanhou o desliza com Peabody a seu lado. — Sim, aproveita a ligação. Vamos eliminar essa possibilidade.

Olhou para a parede de janelas onde os tubos de vidro que ela evitava como se fossem veneno transportavam polícias, funcionários de escritório e civis para cima e para baixo no exterior do edifício. Para lá deles viu um par de unidades de apoio aéreo arrancar para oeste numa rajada entre um aeroplano de publicidade e um eléctrico suburbano.

No interior, o pulsar do edifício era rápido e forte. Vozes, pés apressados, uma multidão de corpos com trabalhos para executar. Ela compreendia aquele ritmo. Olhou para a sua unidade de pulso, estranhamente agradada por ver que ainda não eram nove horas. Estivera de serviço quatro horas e o dia estava agora a começar.

— E vamos tentar descobrir a verdadeira identidade da vítima — acrescentou ela quando saíram do desliza. — Temos as suas impressões digitais e amostra de ADN. Se for o Morris a fazer a autópsia, deve pelo menos saber a idade aproximada.

— Vou já tratar disso. — Peabody virou para a esquerda, atravessando o espaço aberto dos inspetores enquanto Eve virou para o seu gabinete. Era pequeno, mas ela preferia assim. A única janela de que dispunha era estreita, deixava entrar pouca luz e muito barulho do tráfego aéreo. Mas o AutoChef funcionava e estava cheio do café impecável de Roarke.

Eve pediu uma caneca e depois suspirou à medida que o seu aroma rico e forte lhe estimulava o organismo. Sentando-se, ligou a sua teleligação com o intuito de chatear Morris.

— Sei que ele está a fazer o relatório da autópsia — disse ela à assistente que tentou impedi-la. — Tenho informações para ele acerca do corpo, transfira a chamada.

Ela recostou-se na sua cadeira, presenteou-se com café, bateu com os dedos contra a caneca e esperou.

— Dallas. — A cara de Morris surgiu no ecrã. — Sabe como detesto ser interrompido quando tenho o cérebro de uma pessoa nas mãos.

— Tenho uma testemunha que viu duas pessoas no local do crime. Um carrão reluzente, sapatos bons e luzidios. Uma trazia uma mala de pele e outra um saco grande que fazia, e cito, barulhos como se tivesse água lá dentro. Isto diz-lhe alguma coisa?

— Vagamente — disse Morris, franzindo nessa altura as sobrancelhas. — Essa testemunha viu o que aconteceu?

— Não, é alcoólica, esteve a dormir a maior parte do tempo. Já se tinham ido embora quando ela acordou, mas segundo a sequência cronológica, encontrou o corpo. O saco que fazia barulhos parecidos com água pode ser aquilo que estou a pensar?

— Pode ser um saco para transporte de órgãos. Este trabalho foi impecável e profissional, Dallas. Uma remoção de primeira de um órgão vital. Já tenho aqui alguns dos resultados das análises ao sangue. A sua vítima levou com uma boa dose de anestesia. Não senti absolutamente nada. Mas pelos órgãos que restaram, a coisa estava mal, o coração estava praticamente destruído. O fígado já tinha ido ao ar, os rins feitos num oito. Tem os pulmões da cor do carvão. Não era pessoa que se incomodasse com vacinas anticancerígenas ou tratamentos clínicos regulares. Tem o corpo repleto de doenças. Eu dava-lhe seis meses, no máximo, até ele bater a bota de causas naturais.

— Então levaram um coração que não vale de nada — matutou Eve.
— Talvez queiram vendê-lo como sendo bom.

— Se estiver como os outros órgãos dele, um caloiro de medicina dava conta do problema.

— Eles queriam-no. É muito trabalho só para matar um sem-abrigo qualquer.

Ela remoía possibilidades na sua mente. Vingança, um culto estranho, um esquema do mercado negro. Taras, diversão. Treino.

— Disse que o trabalho era de primeira. Quantos cirurgiões na cidade seriam capazes de o fazer?

— Eu sou médico de mortos — disse Morris com um sorriso esbatido. — Os médicos dos vivos não frequentam os mesmos círculos. O hospital privado mais fino de Nova Iorque é o Centro Drake. Eu começaria por aí.

— Obrigada, Morris. Preciso dos relatórios finais assim que conseguir acabar.

— Então, deixe-me voltar ao meu cérebro. — E com isso, ele terminou a transmissão. Eve voltou para o computador, os seus olhos semiceraram-se. Fazia um zumbido suspeito, que ela já participara duas vezes aos palhaços da manutenção. Inclinou-se na sua direção, dentes à mostra em forma de ameaça.

— Computador, seu monte de merda, pesquisar dados sobre o Centro Drake, instalações hospitalares, cidade de Nova Iorque.

A executar...

Ele soluçou, lamuriou-se e todo o ecrã ficou de um vermelho alarmante que fazia arder os olhos.

— Repor o ecrã azul predefinido, porra.

Erro interno. Ecrã azul indisponível. Pretende continuar pesquisa?

— Detesto-te. — Mas ela adaptou os olhos. — Continuar pesquisa.

A pesquisar... Centro Drake de Medicina, situado na Second Avenue, cidade de Nova Iorque, criado em 2023 em honra de Walter C. Drake, responsável pela descoberta da vacina anticancerígena. Trata-se de instalações particulares que incluem um hospital e clínicas de cuidados de saúde, classificadas como de Classe A pela Associação Médica Americana, instalações de ensino e de formação, também de Classe A, bem como laboratórios de investigação e desenvolvimento de Classe A. Pretende a lista de membros da administração de todas as instalações?

— Sim, no ecrã e em papel.

A executar... Erro interno.

O zumbido aumentou nitidamente e o ecrã começou a tremeluzir.

Por favor, repita a ordem.

— Vou comer estas bestas da manutenção ao almoço.

Não é possível processar a ordem. Pretende pedir o almoço?

— Ah, ah... não. Enumerar membros da administração de todas as instalações do Centro Drake de Medicina.

A executar... Administração do Centro de Saúde: Colin Cagney, Lucille Mendez, Tia Wo, Michael Waverly, Charlotte Mira...

— Dra. Mira — murmurou Eve. Era uma boa ligação. A médica era uma das maiores *profilers* criminais da cidade e colaboradora do Departamento de Polícia e Segurança de Nova Iorque. E era também uma amiga íntima.

Eve bateu com os dedos, ouvindo os nomes da administração das instalações de ensino. Um ou dois soavam-lhe vagamente conhecidos, mas o que realmente lhe despertou a atenção foram os nomes da administração do centro de investigação e desenvolvimento.

Carlotta Zemway, Roarke...

— Espera, espera. — Os dedos que batiam na mesa enroscaram-se e Eve fechou os punhos. — Roarke? Raios, raios, raios, porque é que ele está sempre metido em tudo?

Por favor, reformule a pergunta.

— Cala a boca. — Eve premiu os dedos contra os olhos e suspirou. — Continuar lista — ordenou ela à medida que o seu estômago continuava a dar a volta. — Imprimir e depois desligar.

Erro interno. Não é possível realizar várias ordens nesta altura.

Eve não gritou, mas vontade não lhe faltou.

Após vinte minutos frustrantes à espera da saída dos dados, ela atravessou o espaço aberto dos inspetores e deu a volta até à área minúscula onde auxiliares e ajudantes se amontoavam em cubículos do tamanho de um tubo de secagem.

— Peabody, tenho de sair.

— Tenho dados a chegar. Quer que os transfira para a minha unidade portátil?

— Não, fica aqui, acaba as pesquisas. Não devo demorar mais de duas horas. Quando terminares, preciso que vás buscar um martelo.

Peabody tirara o seu livro de memorandos e estava prestes a registar a ordem quando parou e olhou para Eve com uma careta. — Como disse? Um martelo?

— Exato. Um martelo muito grande e pesado. Depois leva-o para o meu gabinete e desfaz em bocados aquela porcaria que cospe dados que tenho em cima da secretária.

— Ah. — Como era uma mulher sensata, Peabody pigarreou em vez de desatar a rir-se. — Como alternativa, Tenente, posso chamar o pessoal da manutenção.

— Está bem, chama e diz-lhes que assim que puder, vou lá abaixo matá-los a todos. Homicídio em massa. E quando estiverem todos mortos, vou andar com os corpos aos pontapés, dançar em cima deles e cantar uma canção alegre. Não haverá júri que me condene.

Como a ideia de Eve cantar e dançar fosse onde fosse até a fazia tremer, Peabody mordeu a parede da sua bochecha. — Vou informá-los do seu descontentamento com o trabalho deles.

— Isso mesmo, Peabody. — Rodando sobre os calcanhares, Eve vestiu o seu blusão e saiu.

Seria muito mais lógico ela ir primeiro atrás de Mira. Como psiquiatra, médica, criminologista, Mira seria uma fonte valiosa para o caso. Mas Eve seguiu para a Alta da cidade, até à lança brilhante que era o edifício da sede de Nova Iorque de Roarke.

Tinha outros edifícios noutras cidades, dentro e fora do planeta. O seu marido estava metido em tanta coisa que ela já lhe perdera a conta. Coisas lucrativas, sabia ela, coisas complicadas. E outrora, coisas muito dúbias.

Eve deduziu que era inevitável que o nome dele surgisse em tantos dos seus casos. Mas Eve não era obrigada a gostar desse facto.

Ela colocou o seu veículo no espaço que Roarke reservara para ela na garagem de vários pisos. A primeira vez que lá fora, há menos de um ano, não desfrutara de tais privilégios. Nem o sistema de segurança do elevador privado tinha as suas impressões vocais e palmais programadas. Nessa altura entrara pelo átrio principal com a sua grande extensão de mosaicos, floreiras, os seus mapas e ecrãs móveis e fora acompanhada ao seu gabinete para o interrogar acerca de um homicídio.

Agora a voz computadorizada dava-lhe as boas-vindas tratando-a pelo nome próprio, cumprimentando-a e dizendo-lhe, à medida que ela entrava, que Roarke seria informado da sua visita.

Eve enfiou as mãos nos bolsos e andou pelo carro na sua deslocação tranquila até ao topo da lança. Ela imaginou que Roarke estaria a tratar de um grande negócio ou a fazer uma negociação complexa para comprar um planeta de média dimensão ou um país com dificuldades financeiras. Pois é, teria de adiar ganhar mais um milhão até ela obter algumas respostas.

Quando as portas se abriram num murmúrio, a assistente de Roarke esperava-a com um sorriso educado. Como sempre, estava perfeitamente penteada, o seu cabelo branco como neve arranjado com gosto. — Tenente, que prazer revê-la. Roarke está numa reunião. Ele pediu que esperasse uns momentos no gabinete dele, se não se importa.

— Claro, não há problema.

— Quer que lhe traga alguma coisa enquanto espera? — Conduziu Eve pela passagem de vidro coberta onde Nova Iorque se agitava uns sessenta pisos abaixo. — Se ainda não almoçou, posso mudar o próximo compromisso de Roarke para que ele a possa receber.

A deferência calma sempre a fizera sentir-se parva, um defeito seu, pensou Eve. — Não, não devo demorar muito. Obrigada.

— Se precisar de alguma coisa, diga-me. — Discretamente fechou as portas e deixou Eve sozinha.

O gabinete era enorme, claro. Roarke gostava de muito espaço. O

mar de janelas era opaco para impedir o brilho ofuscante e proporcionar uma vista da cidade de tirar a respiração. Ele também gostava de alturas, um gosto que Eve não partilhava. Por isso, não se aproximou da janela, limitando-se a andar pelo oceano de carpete sumptuosa.

O recheio do gabinete era engenhoso e único. A mobília era elegante e confortável, em tons opulentos de topázio e esmeralda. Ela sabia que a mesa feita de ébano era apenas mais um centro de poder para um homem que transpirava poder.

Eficiência, elegância, poder. Nada disto lhe faltava.

E quando, dez minutos depois, ele entrou por uma porta lateral, foi muito simples perceber o motivo.

Ele ainda lhe conseguia fazer parar o coração. Bastava olhar para ele: aquela cara gloriosa, esculpida na perfeição como uma estátua renascentista, era realçada por olhos impossivelmente azuis e uma boca feita para provocar desejo nas mulheres; o seu cabelo negro chegava-lhe quase aos ombros, dando-lhe um certo ar de rufia; e ela sabia o quão forte e esbelto era o corpo dele, agora elegantemente vestido com um fato preto feito à medida.

— Tenente. — A Irlanda murmurou, sedosa e romântica, na sua voz. — Que prazer inesperado.

Ela não tinha consciência de estar a franzir as sobrancelhas ou sequer que o fazia frequentemente quando ficava atolada na conjugação estonteante de amor e luxúria que ele lhe provocava. — Preciso de falar contigo.

Ele ergueu o sobrolho à medida que atravessava o gabinete até junto dela. — Acerca de quê?

— Homicídio.

— Ah. — Roarke já pegara nas mãos dela e já se debruçava para lhe dar um beijo lento e demorado de cumprimento. — Estou detido?

— O teu nome surgiu durante uma pesquisa de dados. O que fazes na administração da unidade de investigação e desenvolvimento do Centro Drake?

— Faço o meu papel de cidadão exemplar. É o que dá estar casado com uma Tenente da Polícia. — Ele percorreu os braços dela com as mãos, até aos ombros, sentiu a tensão aí acumulada e suspirou. — Eve, eu faço parte de todo o tipo de administrações e comités enfadonhos. Quem morreu?

— Um sem-abrigo chamado Snooks.

— Acho que não o conhecia. Senta-te, conta-me o que isso tem a ver com o facto de eu fazer parte da administração do Centro Drake.

— Possivelmente nada, mas tenho de começar por algum lado. — Ela não se quis sentar, continuando a vaguear pelo escritório.

Roarke observou-a, a energia rebelde e nervosa que parecia faiscar visivelmente em seu redor. E conhecendo-a, percebeu que toda essa energia já estava concentrada em fazer justiça em nome dos mortos.

Essa era apenas uma das razões pela qual ela o fascinava.

— Removeram cirurgicamente o coração da vítima enquanto ele estava na sua barraca em Bowery — disse-lhe ela. — O médico-legista afirma que só um cirurgião de primeira poderia fazer esta operação e o Drake foi a minha primeira pista.

— Boa escolha. É o melhor da cidade e, provavelmente, o melhor da Costa Leste. — Pensativo, Roarke encostou-se contra a sua secretária. — Tiraram-lhe o coração?

— Exato. Era alcoólico, viciado. Tinha o corpo todo estragado. O Morris diz que o coração não prestava para nada. O tipo teria morrido no espaço de seis meses. — Eve parou e ficou à frente dele, enfiando os seus polegares nos bolsos da frente dele. — O que sabes sobre o comércio de órgãos no mercado negro?

— Não foi negócio em que me metesse, mesmo nos meus tempos mais... flexíveis — acrescentou ele com um sorriso discreto. — Mas os avanços na área de órgãos de fabrico humano, a oferta ainda disponível proveniente de mortes acidentais, o progresso nos cuidados de saúde e construção de órgãos, tudo isso reduziu a nada a venda de órgãos de rua no mercado. Essa área teve o seu auge há trinta anos.

— Quanto vale um coração obtido na rua? — perguntou ela.

— Sinceramente, não sei. — A sobancelha dele arqueou-se e um sorriso vago esboçou-se em volta daquela boca sensual de poeta. — Queres que eu descubra?

— Eu mesma posso descobrir. — Eve voltou a andar de um lado para o outro. — O que fazes na administração?

— Sou conselheiro. O meu próprio departamento de investigação e desenvolvimento tem um ramo médico que colabora e auxilia o Centro Drake. Temos um contrato com eles. Fornecemos equipamento médico, máquinas, computadores. — Ele voltou a sorrir. — Órgãos artificiais. O departamento de investigação do Drake lida essencialmente com produtos farmacêuticos, próteses, químicos. Ambos produzimos órgãos de substituição.

— Fazem corações?

— Entre outras coisas. Não trabalhamos com tecido vivo.

— Quem é o vosso melhor cirurgião contratado?

— O Colin Cagney é o chefe de pessoal. Já o conhecestes — acrescentou Roarke.

Ela limitou-se a rabujar. Como poderia lembrar-se de todas as pesso-

as que conhecera num círculo social desde que Roarke entrara na sua vida? — Será que ele faz... Como lhes chamaram... visitas a casa?

— Visitas ao domicílio — corrigiu Roarke com um sorriso a espreitar-lhe nos lábios. — Não estou a ver o distinto Dr. Cagney a fazer uma cirurgia ilegal na barraca de um sem-abrigo.

— Talvez eu tenha outra opinião quando o reencontrar. — Eve soltou um suspiro profundo e escorregou os seus dedos por entre o cabelo dele. — Desculpa lá estar a interromper o teu dia.

— Interrompe mais um pouco — sugeriu ele, cedendo à vontade de ir ter com ela e esfregando o seu polegar sobre o grosso lábio inferior de Eve. — Almoça comigo.

— Não posso, tenho de ir a mais sítios. — Mas a leve fricção no seu lábio fê-lo curvar. — Então, o que estavas a comprar?

— A Austrália — disse ele, rindo-se depois quando ela abriu a boca. — Só uma pequena parte. — Deliciado com a reação dela, puxou-a contra si para lhe dar um beijo rápido e forte. — Céus, eu adoro-te, Eve.

— Pois, ainda bem. — Ouvir isto continuava a deixá-la excitada e descontraída. Sabê-lo também. — Tenho de ir.

— Queres que tente descobrir alguma coisa sobre a investigação de órgãos no Centro Drake?

— Isso compete-me a mim e sei como fazer. Era ótimo que não te envolvesse neste caso. Vai lá... comprar o resto da Austrália ou qualquer coisa assim. Vemo-nos em casa.

— Tenente? — Ele voltou-se para a sua secretária e abriu uma gaveta. Sabendo como ela trabalhava, atirou-lhe uma barrita de cereais. — O teu almoço, deduzo.

Isto fê-la sorrir enquanto guardava a barrita no bolso. — Obrigada.

Quando ela fechou a porta atrás de si, ele olhou para a sua unidade de pulso. Faltavam vinte minutos para a sua próxima reunião, calculou Roarke. Tinha tempo suficiente.

Sentou-se em frente do seu computador, sorriu um pouco ao pensar na sua esposa e depois chamou os dados acerca do Centro Drake.

Eve descobriu que fizera bem em não ir primeiro ter com Mira. A médica não estava no consultório. Ela enviou um e-mail rápido a pedir uma consulta sobre um caso para o dia seguinte e depois dirigiu-se ao Centro.

Era um daqueles edifícios que se estendia por um quarteirão, que ela já vira centenas de vezes e aos quais nunca prestara atenção. Quer dizer, antes de conhecer Roarke. Desde então, ele arrastara-a, ameaçara-a ou levava-a várias vezes até aos seus centros de tratamento de emergência. Quando, no fundo, pensava agora, teria bastado perfeitamente um conjunto de primeiros socorros e uma sesta.

Ela detestava hospitais. O facto de entrar naquele como polícia e não como paciente parecia não fazer diferença alguma.

O edifício original era um prédio velho e distinto de tijolo castanho, que fora carinhosa e dispendiosamente, deduziu ela, preservado. Estruturas transparentes e brancas eram projetadas do mesmo, unidas pelos tubos brilhantes de passagens cobertas, o círculo de deslizas de reflexo prateado.

Havia projeções brancas que formavam o que ela deduzia serem restaurantes, lojas de prendas ou outras áreas onde o pessoal, visitas ou pacientes se podiam reunir e desfrutar da vista. E iludirem-se pensando que não estavam num local repleto de doença e sofrimento.

Como o computador do seu veículo era mais fiável do que o do gabinete, Eve conseguiu aceder a alguns dados gerais. O Centro Drake era mais uma cidade dentro de uma cidade do que um hospital. Continha instalações de formação, instalações de ensino, laboratórios, unidades de trauma, de cirurgia, quartos e suites para pacientes, uma variedade de salas para pessoal e áreas de espera para visitas, como seria de esperar num hospital.

Mas, para além disso, tinha uma dúzia de restaurantes — dois deles de cinco estrelas —, quinze capelas, um hotelzinho elegante para familiares e amigos de pacientes que quisessem ficar por perto, um pequeno e exclusivo centro comercial, três teatros e cinco salões de beleza de serviço completo.

Havia vários mapas e centros de informação móveis para ajudar as visitas a orientarem-se até ao setor pretendido. Havia elétricos desde zonas de estacionamento centrais até várias entradas e os tubos de vidro elegantes brilhavam na fraca luz do Sol invernal, à medida que deslizavam como água para cima e para baixo nas laterais da estrutura branca gigantesca.

Impaciente, e por se tratar de uma secção que ela conhecia melhor, Eve entrou com o seu carro no parque das Urgências, enfiou-o num lugar ao nível da rua e depois rosnoou para o parquímetro que exigia saber a extensão das suas lesões.

Esta é uma zona de estacionamento reservada a urgências. As suas lesões ou doença têm de ser confirmadas para que o seu veículo possa permanecer nesta zona. Por favor, diga a natureza e extensão das suas lesões ou doença e avance para ser analisada.

— Tenho pouca paciência em fase terminal — disparou ela e enfiou o seu distintivo no ecrã de visionamento. — Assuntos de Polícia. Desenrasque-se.

Enquanto o parquímetro grasnava, ela virou costas para atravessar o parque em direção às detestadas portas duplas de vidro.

As Urgências estavam cheias de gente a chorar, a soluçar e a queixar-se. Pacientes em diferentes estádios de sofrimento amontoados em cadeiras preenchiam as fichas nos ecrãs portáteis ou aguardavam a sua vez com olhos vítreos.

Um auxiliar estava ocupado a limpar sangue ou sabe-se lá o quê, a manter o piso de aço cinzento desinfetado. Enfermeiras deslocavam-se com vivacidade em fardas azuis-claras. Ocasionalmente, passavam médicos com as suas grandes e esvoaçantes batas de laboratório, cuidadosos para não trocar olhares com os enfermos.

Eve localizou o primeiro mapa e perguntou pelo bloco operatório. O percurso mais rápido era pelo comboio subterrâneo, por isso, ela juntou-se a um paciente queixoso amarrado a uma maca, dois internos com um ar exausto e um casal agarradinho que murmurava coisas acerca de um tal Joe e das probabilidades de sobrevivência com o seu novo fígado.

Quando chegou à ala certa, subiu um piso no desliza.

O silêncio reinava no piso principal como numa catedral e quase tão ornamentado com os seus tetos altos de mosaicos e quadros sumptuosos de flores e arbustos a desabrochar. Havia várias zonas com cadeiras, todas com centros de comunicação. Droides guias estavam a postos, trajados com fatos-macaco agradáveis, de cor pastel, para ajudar quando fosse preciso.

Era muito dispendioso ser operado com um bisturi a laser, reparar ou substituir órgãos internos num hospital privado. O Centro Drake providenciara uma área de receção digna para quem podia pagar os seus serviços.

Eve escolheu aleatoriamente uma entre meia dúzia de consolas de receção e exibiu o seu distintivo ao funcionário para não ter de ouvir desculpas. — Preciso de falar com o Dr. Colin Cagney.

— Um momento, por favor, enquanto localizo o doutor. — O funcionário trazia um fato cinzento-escuro e uma gravata com um nó minucioso. Eficientemente, fez uma busca no seu quadro e depois ofereceu a Eve um sorriso educado. — O Dr. Cagney está no décimo piso. É o piso das consultas, ele de momento está com um paciente.

— Esse piso tem uma zona de espera privada?

— O décimo piso tem seis zonas de espera privadas. Deixe-me ver se está alguma disponível para si. — Chamou outro quadro, viram-se luzes vermelhas e verdes a piscar. — A Zona de Espera Três está disponível. Terei todo o gosto em reservá-la para si.

— Está bem. Diga ao Dr. Cagney que estou à espera para falar com ele e tenho pouco tempo.

— Claro. Use qualquer elevador da rampa seis, Tenente. Passe bem.

— Sim — resmungou ela. Aquelas pessoas incessantemente educadas causavam-lhe arrepios. Fosse qual fosse a formação que davam ao pessoal não médico, devia incluir anulação de personalidade, concluiu ela. Nervosa, subiu no elevador e procurou a sala de espera certa.

Era uma sala pequena, decorada com gosto, com um ecrã de ambiente definido com cores suaves que mudavam. A primeira coisa que fez foi desligá-lo. Ignorando o sofá baixo e duas cadeiras fundas, Eve vagueou pela sala.

Queria sair dali. O melhor substituto era uma janela com vista para a Second Avenue.

Aí, pelo menos, tanto a rua como o trânsito eram previsivelmente confusos e desagradáveis. Ela observou um helicóptero médico aproximar-se e voar em círculos na sua trajetória até uma das plataformas de aterragem. Contou mais dois, um jato-ambulância e cinco ambulâncias de rua antes de a porta se abrir atrás de si.

— Tenente. — O médico tinha um sorriso deslumbrante, dentes tão brancos e alinhados como uma banda da Marinha. Exibiu-o ao atravessar a sala.

Condizia, pensou Eve, com a sua cara macia e bem tratada, os olhos cinza pacientes e inteligentes sob umas sobranceiras dramaticamente negras. O seu cabelo era de um branco reluzente, riscado do lado esquerdo com uma tira negra.

Não trazia bata de laboratório mas um fato de corte perfeito do mesmo tom cinzento dos seus olhos. A sua mão, quando pegou na dela, era tão macia como a de uma criança e tão firme como uma rocha.

— Dr. Cagney.

— Tinha esperança que se lembrasse de me tratar por Colin. — O sorriso disseminou-se novamente à medida que apertou e largou a mão

dela. — Estivemos juntos em várias festas. Mas deduzo que entre o seu trabalho e o trabalho de Roarke, deve conhecer um mar de gente.

— É verdade, mas lembro-me de si. — Lembrara-se dele assim que o vira. Aquela não era uma cara que se esquecesse. Maças do rosto definidas, maxilar quadrado, testa alta. E a sua cor impressionou-a. Uma pele de um dourado pálido contra preto e branco. — Obrigada por aceitar falar comigo.

— Faça-o com todo o prazer. — Ele gesticulou apontando para a cadeira. — Mas espero que não tenha vindo procurar os meus préstimos profissionais. Não está doente, pois não?

— Não, estou ótima. É a minha profissão que me traz até si. — Apesar de ter preferido ficar de pé, ela sentou-se. — Estou a investigar um caso. Mataram um sem-abrigo esta madrugada. Foi alguém com excelente perícia cirúrgica.

As sobrancelhas dele uniram-se à medida que abanava a cabeça. — Não estou a perceber.

— Tiraram-lhe o coração e levaram-no. Uma testemunha afirma que um dos suspeitos trazia um saco para órgãos.

— Meu Deus. — Ele entrelaçou os dedos sobre o joelho. Nos seus olhos a preocupação vagueava juntamente com confusão. — Estou horrorizado com a notícia, mas continuo a não perceber. Está a dizer-me que lhe tiraram cirurgicamente e transportaram o coração?

— Exatamente. Anestesiaram-no e mataram-no na sua própria baraca. Viram duas pessoas a entrar, uma trazia algo que pelo barulho devia ser uma mala de médico e a outra, um saco de transporte. A operação foi executada por alguém com muita perícia. As “hemos”, acho que é assim que lhe chamam, foram estancadas e seladas, a incisão foi precisa. Não foi trabalho de amador.

— Com que propósito? — murmurou Cagney. — Há anos que não ouço falar em roubo de órgãos, pelo menos desta natureza. Um sem-abrigo? Determinou o estado de saúde dele antes do homicídio?

— O médico-legista afirma que ele teria morrido durante o sono dentro de meses. Achamos que o coração que levaram não estava em boas condições.

Com um suspiro pesado, ele sentou-se. — Deduzo que veja todo o tipo de maldades que o Homem inflige ao Homem na sua atividade, Tenente. Eu já tive de coser partes de corpos arrancadas, partidas, retalhadas. Por um lado, habituamo-nos a isso. Tem de ser. Mas por outro, nunca deixamos de ficar chocados e desiludidos. O Homem continua a encontrar novas formas de matar.

— E isso jamais mudará — concordou Eve. — Mas o meu instinto diz-me que a morte deste homem foi circunstancial. Conseguiram o que

queriam dele. Tenho de lhe perguntar, Dr. Cagney, onde estava esta manhã entre a uma e as três?

Ele pestanejou e a sua boca bem desenhada abriu-se antes de ele se recompor. — Compreendo. — Falou devagar, voltando a levantar-se. — Estava em casa, a dormir com a minha esposa. Mas não tenho como prová-lo. — A voz dele arrefecera, os seus olhos estavam agora gelados. — Preciso de advogado, Tenente?

— Isso é consigo — disse ela sem hesitação. — Mas não vejo motivo para contratar já um. Terei de falar com a sua esposa.

Agora com a boca severa, ele assentiu. — Compreendo.

— Ambas as nossas profissões são regidas por rotinas frequentemente desagradáveis. Esta é a minha. Preciso de uma lista dos melhores cirurgiões da cidade, começando pelos especializados em transplante de órgãos.

Ele levantou-se perante o pedido e caminhou até à janela. — Os médicos defendem-se uns aos outros, Tenente. Isto é uma questão de orgulho e lealdade.

— Os polícias defendem-se uns aos outros. E quando se descobre que um deles é corrupto, mancha a reputação de todos nós. Posso recorrer a outros canais para obter a lista de que preciso — acrescentou ela, levantando-se — mas agradecia a sua colaboração. Mataram um homem. Alguém decidiu que não lhe devia ser permitido que a sua vida chegasse naturalmente ao fim. Isso irrita-me, Dr. Cagney.

Ele mexeu os ombros quando suspirou. — Eu mando-lhe uma lista, Tenente — disse ele sem se voltar para trás. — Recebê-la-á até ao final do dia.

— Obrigada.

Ela voltou para a Central de Polícia, lembrando-se da sua barrita de cereais quando entrou na garagem. Comeu-a a caminho do seu gabinete, mastigando nutrientes e mastigando as suas impressões de Cagney.

Tinha uma cara que levaria um paciente a confiar nele, até a temê-lo um pouco, imaginou Eve. Seria normal crer que o que ele afirmava — em termos médicos — era lei. Ela tencionava investigá-lo, mas deduzia que ele teria sessenta e poucos anos, setenta. Ou seja, já era médico há mais de trinta.

Ele era capaz de matar. Eve aprendeu que qualquer pessoa era capaz de matar nas circunstâncias certas. Mas seria ele capaz de matar tão friamente? Protegeria ele, a pretexto da lealdade profissional, alguém capaz de tal ato?

Não estava certa quanto às respostas.

A luz no seu computador piscava num tom verde, indicando nova

entrada de dados. A Peabody, pensou ela, estivera a trabalhar com afinco. Após tirar o blusão, chamou os dados. Bastaram cinco minutos frustrantes de rangidos até os dados surgirem.

Vítima identificada como Samuel Michael Petrinsky, nascido a 05-06-1961, em Madison, Wisconsin. Número de BI 12176-VSE-12. Pais já falecidos. Não possui irmãos, que se saiba. Estado civil: divorciado em Junho de 2023. Três filhos do casamento: Samuel, James, Lucy. Dados disponíveis a pedido no ficheiro de cruzamento.

Desconhece-se que tenha trabalhado nos últimos trinta anos.

O que te aconteceu, Sam?, pensou ela. Porque deixaste a tua mulher e filhos e vieste para Nova Iorque fritar esse cérebro e estragar o teu corpo com cerveja e tabaco?

— Bela maneira de acabar — resmungou ela. Depois pediu a referência cruzada sobre os filhos dele. Teria de notificar os parentes mais próximos.

Executou uma função não autorizada. Por favor, elimine o pedido e introduza o seu número de BI imediatamente. Caso contrário, todos os dados por gravar serão destruídos.

— Seu filho da mãe. — Furiosa, Eve pôs-se de pé e deu um murro de lado no computador com o punho fechado. Apesar de a dor ecoar nos nós dos seus dedos, preparava-se para lhe dar outro murro.

— Está a ter problemas com o seu equipamento, Tenente?

Eve assobiou, cerrou os dentes e endireitou o tronco. Era raro o Comandante Whitney visitar o seu gabinete. E não era um momento lá muito agradável ser visitada quando agredia propriedade do Departamento.

— Com todo o respeito, Comandante, este computador é uma porcaria.

Talvez fosse um sorriso aquilo que vagueou nos olhos escuros do Comandante, mas ela não tinha a certeza.

— Sugiro que contate a manutenção, Dallas.

— O pessoal da manutenção é uma cambada de bestas, Comandante.

— E o orçamento está cheio de buracos. — Ele entrou, fechando a porta atrás de si, o que fez o estômago de Eve tremer nervosamente. Ele olhou em volta e depois abanou a cabeça. — O seu cargo dá-lhe direito a um gabinete, Dallas. Não dá direito a masmorras.

— Serve perfeitamente, Comandante.

— Diz sempre isso. O AutoChef tem café do seu ou do nosso?

— É do meu, Comandante. Quer uma chávena?

— Claro que quero.

Ela virou-se para pedir uma chávena de café. A porta fechada era sinónimo de que ele queria privacidade. O pedido de café indicava que a queria deixar à vontade.

A combinação deixou Eve nervosa. Mas a sua mão estava estável quando lhe ofereceu a chávena e os olhos dela mantiveram-se alinhados com os dele.

A cara dele era larga, com tendência para ser rígida. Era um homem portentoso de ombros largos, mãos largas e, frequentemente, tinha os olhos escuros de cansaço. — Hoje cedo tratou de um homicídio — começou ele, fazendo uma pausa suficientemente longa para beber e apreciar o café a sério, feito com grãos a sério comprados com o dinheiro de Roarke.

— Sim, Comandante. Acabámos de identificar a vítima. Irei notificar os parentes. — Eve lançou um olhar cruel ao seu computador. — Quando conseguir tirar os dados desta porra. Entregar-lhe-ei um relatório atualizado até ao final do dia.

— Já recebi um relatório da primeira agente a chegar ao local. Juntamente com uma queixa. Parece que você e a Bowers andaram às marradas.

— Fui severa com ela. Ela mereceu.

— Ela queixou-se que você usou uma linguagem abusiva e inadequada. — Quando Eve revirou os olhos, ele sorriu. — Ambos sabemos que esse tipo de queixa não passa de uma arrelia e normalmente faz o queixoso parecer um parvinho sem escrúpulos. Contudo... — O sorriso dele desvaneceu-se. — Ela também afirma que o seu trabalho no local do crime foi negligente e descuidado. Que usou indevidamente o formando dela e que a ameaçou fisicamente.

Eve sentiu o sangue começar a ferver sob a sua pele. — A Peabody gravou a investigação no local. Vou pedir que lhe mandem entregar imediatamente uma cópia.

— Precisaréi disso para descartar oficialmente a queixa. Aqui entre nós, sei perfeitamente que é ridículo.

Havia duas cadeiras. Como estavam ambas amassadas e já rangiam, Whitney lançou-lhes um olhar dúbio antes de se acomodar numa. — Gostava de saber a sua opinião acerca disto antes de agir.

— A minha investigação será corroborada, bem como o meu relatório.

Ele entrelaçou os dedos e manteve a expressão na sua cara larga e terna. — Dallas — foi só o que ele proferiu e ela começou logo a bufar.

— Eu resolvi o assunto. Não sou adepta de ir logo ter com um superior ou preencher papéis por causa de um incidente insignificante entre

agentes. — Ele limitou-se a continuar a olhar e ela enfiou as mãos nos bolsos. — A agente mais graduada no local não o isolara devidamente até à minha chegada. Foi devidamente admoestada por não ter respeitado o devido procedimento. A agente Bowers evidenciou uma tendência notória para a insubordinação, que foi, mais uma vez na minha opinião, devidamente tratada. Por sua livre e espontânea vontade, o formando dela indicou-me que em patrulhas anteriores feitas na zona havia outra barraca junto à da vítima, que fora mudada desde a véspera. Ele notificara a sua formadora, mas a sua observação foi ignorada. Graças a esta observação, assim que seguimos a pista, conseguimos uma testemunha. Convidei o formando, o agente Trueheart, a participar no interrogatório da testemunha, que ele conhecia. Trueheart, como constará do meu relatório, revela um potencial excelente.

Eve fez uma pausa na sua recitação linear e, pela primeira vez, os seus olhos faiscaram com lume. — Nego todas as acusações, exceto a última. Posso perfeitamente ter ameaçado fisicamente a agente Bowers e pedirei à minha auxiliar que verifique isso. O meu único arrependimento neste momento é não ter cumprido qualquer ameaça que lhe possa ter feito e não lhe ter afincado. Comandante.

Whitney ergueu o sobrolho, mas conseguiu disfarçar o riso. Era raro a sua Tenente conferir o seu temperamento pessoal a um relatório verbal. — Se tivesse cumprido as ameaças, Tenente, teríamos uma bela embrulhada nas mãos. Deduzo, sabendo o quão minuciosa é, que você ou a sua auxiliar tenham verificado o historial da agente Bowers. Pelo menos, uma verificação mínima, e deve saber que já foi transferida várias vezes. Ela é um caso problemático, como costumamos dizer. A Polícia tende a transferir os casos problemáticos de uma área para outra.

Ele fez uma breve pausa e esfregou uma mão na parte de trás do pescoço como se para aliviar uma dor. — A Bowers também é campeã das queixas. Não há nada que lhe dê mais prazer do que apresentar queixas. Ela não foi nada à bola consigo, Dallas, e aqui entre nós, aviso-a que provavelmente lhe arranjará todos os problemas que puder.

— Ela não me preocupa.

— Vim dizer-lhe que devia estar preocupada. Este tipo de gente vive de chatices, de arranjar chatices a outros polícias. E ela têm-na na mira. Enviou esta queixa também ao Chefe Tibble e ao representante da Brigada dela. Mande-me a gravação do local do crime, o relatório e uma resposta bem elaborada a esta queixa, hoje até ao final do dia. Recorra à Peabody — acrescentou ele com um ligeiro sorriso — para a ajudar na resposta. Ela tem a cabeça mais fria.

— Comandante. — O ressentimento tremeluziu na voz dela, nos olhos, mas não disse nada.

— Tenente Dallas, nunca tive sob o meu comando melhor agente do que você e a minha resposta pessoal à queixa afirmará isso mesmo. Agentes como a Bowers raramente duram. Ela está a arranjar forma de ser expulsa, Dallas. Isto é apenas um percalço no seu caminho. Leve isto a sério, mas não lhe dispense mais tempo e energia do que é necessário.

— Dispensar-lhe mais de cinco minutos do meu tempo e energia parece-me excessivo quando tenho um caso para resolver. Mas agradeço o seu apoio.

Ele acenou com a cabeça e levantou-se. — Ótimo café — disse ele cobiçosamente e pôs de parte a chávena vazia. — Até ao final do turno, Dallas — acrescentou ele à medida que ia saindo.

— Com certeza, Comandante.

Eve não deu um pontapé na secretária. Pensou nisso, mas os nós dos dedos ainda lhe ardiavam do soco que dera noutra objeto inanimado. Em vez de arriscar voltar a magoar-se, chamou Peabody para tratar da máquina e aceder aos números de telefone dos parentes de Snooks.

Conseguiu contatar a filha que, apesar de não ver o pai há quase trinta anos, chorou copiosamente.

Isso em nada amenizou o humor de Eve. Só perante a reação de Peabody ao saber da queixa feita por Bowers é que Eve evidenciou alguma alegria.

— Essa cabra burra cabeçuda! — De cara vermelha, punhos fechados sobre as ancas, Peabody perdeu a cabeça. — Eu devia ir buscá-la ao buraco onde está enfiada e dar-lhe um enxerto. É uma mentirosa de merda e pior, não vale nada como polícia. Qual é a dela, a fazer uma queixa mesquinha e falsa contra si? Mas quem julga a tipa que é?

Peabody sacou do seu livro de memorandos e começou a consultá-lo. — Vou agora mesmo até lá mostrar-lhe como é levar com uma queixa entre os olhos.

— O Whitney disse que terias a cabeça fria — disse Eve com um sorriso. — Fico muito satisfeita por saber que o Comandante conhece bem os seus subordinados. — Depois riu-se porque os olhos de Peabody estavam praticamente a saltar das suas órbitas. — Faz umas inspirações profundas, Peabody, antes que te expluda alguma coisa no cérebro. Vamos resolver isto da forma adequada, seguindo os trâmites devidos.

— E *depois* damos uma coça à cabra, não?

— Tu devias ser uma boa influência. — Abanando a cabeça, Eve sentou-se. — Preciso que faças uma cópia da gravação do local do crime para o Whitney e que elabores o teu próprio relatório. Uma coisa simples e direta, Peabody. Restringe-te aos factos. Vamos elaborá-los independentemente.

Eu vou compor uma resposta à queixa e quando tiveres a cabeça fria, como o Whitney julga que tens, podes rever-ma.

— Não sei como consegues aceitar isto com tanta calma.

— Não consigo — resmungou Eve. — De todo. Vamos lá trabalhar.

Ela elaborou o texto, mantendo sempre o seu tom descontraidamente profissional. Durante a última passagem da sua resposta, chegou a lista que pedira a Cagney. Ignorando a dor de cabeça que começava a latejar-lhe atrás dos olhos, Eve copiou todos os discos relativos ao caso, fez o que considerava ser um telefonema racional e razoável ao pessoal de manutenção e depois levou tudo consigo. O turno estava a terminar e ela ia para casa a horas, caramba, para variar, apesar de pretender trabalhar quando chegasse.

Mas o seu temperamento começou a ferver e a eriçar-se enquanto conduzia. As suas mãos apertavam e soltavam o volante. Ela esforçara-se muito para ser uma boa agente. Treinara, estudara e observara, e estava disposta a trabalhar até cair para o lado para continuar a ser uma boa agente.

O seu distintivo não se limitava a definir o que ela fazia, mas também quem ela era. E, de certa forma, Eve sabia que esse distintivo, aquilo que significava, a salvara.

Os primeiros anos da sua vida tinham-se perdido ou eram uma névoa de dor, infelicidade e abuso. Mas ela sobrevivera-lhes, sobrevivera ao pai que lhe batera, que a violara, que lhe fizera tanto mal ao ponto de nem se lembrar do seu nome quando a encontraram espancada e a sangrar num beco.

Por isso, tornara-se Eve Dallas, um nome que lhe fora dado por uma assistente social e que ela se esforçara para que tivesse algum significado. Ser polícia significava que já não era uma pessoa indefesa. Mais do que isso, significava que ela podia defender os indefesos.

Sempre que se debruçava sobre um cadáver, lembrava-se de como era ser vítima. Sempre que encerrava um caso, era uma vitória para os mortos e para uma menina sem nome.

E agora uma coletora de cadáveres armada em boa tentara manchar a sua reputação profissional. Para alguns polícias, isso seria uma chatice, uma irritação. Para Eve, era um profundo insulto pessoal.

Sendo uma mulher física, tentou divertir-se imaginando como seria defrontar Bowers num bom mano-a-mano suado. O som gratificante dos ossos a bater em ossos, o doce aroma das primeiras gotas de sangue.

Essa imagem apenas a deixou furiosa. Nesse aspeto não podia fazer nada. Um oficial superior não podia andar à porrada com um polícia, por muito que merecesse.

Assim, ela atravessou os portões e subiu a agradável extensão de estrada privada até à deslumbrante casa de pedra e vidro de Roarke. Deixou o seu carro à entrada, na esperança, na genuína esperança de que o empregado do Summerset fizesse algum comentário acerca disso.

Mal sentiu o frio ao correr pelos degraus acima e ao abrir a alta porta de entrada. Deixou-se ficar aí, um, dois momentos. Normalmente o mordomo de Roarke não demorava mais do que isso a aparecer no átrio e insultá-la. Hoje Eve queria que ele a insultasse, desejava isso.

Quando a casa se manteve em silêncio, ela rosnou de frustração. O dia, pensou ela, estava a correr lindamente. Nem podia agredir o seu pior inimigo para descomprimir um pouco.

Estava com uma vontade louca de bater em alguma coisa.

Tirou o seu blusão de cabedal e atirou-o deliberadamente sobre o pilar esculpido das escadas. Ainda assim, ele não se materializou.

Sacana, pensou ela revoltada e seguiu até ao piso de cima. Que raio deveria fazer a esta fúria mal controlada que borbulhava dentro dela, se não podia agredir Summerset? Não queria andar à bulha com um droide de pugilismo, caramba. Queria contato humano. Um bom e violento contato humano.

Eve entrou no quarto com a intenção de tomar um duche quente antes de ir trabalhar. E lá estava Roarke. Olhou para ele com atenção. Era óbvio que ele também acabara de chegar e estava a acabar de pendurar o casaco do fato no guarda-roupa.

Ele virou-se e inclinou a cabeça. Os olhos reluzentes, a cara corada e a pose agressiva revelaram-lhe o humor de Eve. Fechou a porta do guarda-roupa e sorriu. — Olá, querida. E como correu o teu dia?

— Foi uma porcaria. O Summerset?

Roarke arqueou uma sobrancelha à medida que atravessava o quarto. Via perfeitamente as ondas de raiva e frustração que emanavam dela. — Esta noite está de folga.

— Ótimo, lindo. — Ela afastou-se. — A única vez que realmente preciso do filho da mãe, ele não está cá.

A sobrancelha de Roarke manteve-se elevada ao olhar em direção ao gato cinzento e gordo enroscado na cama. Partilharam um olhar breve e silencioso, e Galahad, preferindo evitar violência, saltou para o chão e esgueirou-se porta fora.

Também ele cauteloso, Roarke percorreu os dentes com a língua. — Precisas de alguma coisa?

Eve virou a cabeça rapidamente e ralhou com ele. — Gosto da tua cara, por isso, não a quero partir.

— Olha que sorte a minha — murmurou Roarke. Observou-a du-

rante um momento enquanto ela andava de um lado para o outro, em busca de uma presa, e desanimada dava pontapés no sofá da zona de estar. E resmungava para ela mesma. — Está cheia de energia acumulada, Tenente. Acho que lhe posso dar uma ajudinha.

— Se me disseses para tomar um calmante, eu... — Foi só o que consegui dizer antes de exalar uma golfada de ar e dar consigo atirada para cima da cama. — Não te metas comigo, campeão. — Ela debateu-se, resistindo. — Estou com um humor de cão.

— Já percebi. — Ele travou-lhe um pouco o cotovelo, conseguiu prender-lhe os pulsos com uma mão e usou o seu peso para a manter imóvel. — Vamos usar bem essa energia toda, sim?

— Quando quiser fazer sexo, aviso-te — disse ela entre dentes.

— Está bem. — Enquanto ela sibilava, ele baixou a cabeça e mordiscou-a no pescoço. — Enquanto espero, vou só entreter-me um pouco. Tens um... gosto maduro quando estás zangada.

— Raios partam, Roarke. — Mas a língua dele fazia coisas incríveis no pescoço dela e os fluidos agitados pela raiva começaram a correr noutra direção. — Para com isso — resmungou ela, mas quando a mão livre de Roarke lhe envolveu o peito, o corpo de Eve arqueou-se na direção dele.

— Está quase. — A boca dele rasou sobre o maxilar de Eve e depois chocou com a dela num beijo destemido e selvagem que o humor dela parecia pedir. Roarke sentiu o sabor da raiva, do limiar da violência, o chicote da paixão. O corpo dele contraiu-se, as suas necessidades revelaram-se. Mas quando ele se descontraíu, sorriu para ela ternamente. — Bom, se preferes estar sozinha...

Ela aproveitou o afrouxar do aperto nas suas mãos para lhe agarrar na parte da frente da camisa. — Tarde de mais, amigo. Agora quero fazer sexo.

Com um sorriso malicioso, permitiu que ela o atirasse de costas sobre a cama. Eve saltou para cima dele e colocou as mãos sobre o peito dele. — E sinto-me mazinha — avisou-o ela.

— Bem, eu prometi que seria no Bem e no Mal. — Ele ergueu os braços, desprendendo o coldre da arma antes de começar a desabotoar-lhe a blusa.

— Eu disse *mazinha*. — A sua respiração já estava a acelerar quando os seus dedos se enrolaram na seda preta da sua camisa. — Quanto custou isto?

— Não faço ideia.

— É melhor assim — decidiu ela e rasgou-a. Antes de ele decidir se devia rir-se ou praguejar, ela atacou, ferrando os dentes no ombro de Roar-

ke. — Vai ser duro. — Estimulada pelo sabor da carne, agarrou-o pelos cabelos. — E vai ser rápido.

A boca de Eve mergulhou na boca dele, tomando-a gananciosamente, num beijo quase violento. Regozijando-se nele. Ela arranhou-o, rasgando-lhe a roupa à medida que se reboavam pela cama.

Agora debatiam-se, mãos na ânsia de agarrar, bocas vorazes. Ambos produziam gemidos descontrolados e tremores rápidos à medida que buscavam e exploravam fraquezas. Conheciam bem o corpo um do outro e essas fraquezas.

Toda a energia frustrada foi transformada em fome, uma necessidade de possuir e possuir rapidamente, possuir tudo. Os dentes dele no peito desnudado de Eve, as suas mãos apertando-lhe a carne na sua urgência de possuir apenas, exacerbava os apetites. A respiração dela era descontrolada e deixara de conseguir pensar enquanto se arqueava, sexo premido contra sexo.

Houve um som selvagem na garganta dela quando Roarke a pôs de joelhos com um puxão, no encontro dos seus corpos, tronco contra tronco e bocas mergulhadas uma na outra.

— Agora, porra. — As unhas dela cravaram-se nas costas dele, raspavam, agarraram pele húmida do suor. Desejo, do tom mais negro e mais perigoso, rodopiava dentro dela. Viu algo parecido espelhado nos olhos azuis brilhantes de Roarke, à medida que voltaram a arrastar-se para baixo.

Ela ergueu-se em cima de Roarke, baixando-se depois sobre ele em dois movimentos ágeis e arqueou as costas com um gemido, enquanto o prazer a trespassava.

Depois tudo voltou a ser velocidade. Velocidade, movimento, mais ganância ainda. *Mais e mais*, era só no que ela conseguia pensar à medida que ele ia de encontro ao interior dela, com mais força, mais velocidade. O orgasmo tinha garras.

Ele viu-a entregar-se, entregar-se-lhe, agora de corpo curvado para trás, reluzindo de suor, os olhos dela negros e incapazes de ver algo para além do que proporcionavam um ao outro.

E quando ela estremeceu, quando ela gritou, Roarke puxou-a repentinamente para baixo, pondo-a de costas na cama. E elevou-lhe bem as ancas, empurrando fundo, mais fundo, levando-os a ambos mais além.

Preguiçosamente, Roarke encostou o nariz ao pescoço de Eve. Ele adorava o sabor negro e opulento que o sexo prazeroso e saudável lhe conferia à pele. — Já te sentes melhor?

Ela lá proferiu algo entre um grunhido e um gemido, e os seus lábios curvaram-se. Num rebolar lento, suave graças à sua prática, ele inverteu as suas posições, afagou-lhe as costas e aguardou.

Os ouvidos dela ainda zumbiam, o seu corpo estava tão mole que não se acharia capaz de afastar um bebé com um laser de água. As mãos que deslizavam para cima e para baixo pelas suas costas embalavam-na suavemente. Estava já meia a dormir quando Galahad, julgando que tudo regressara ao normal, voltou a entrar no quarto para saltar alegremente para cima do rabo desnudado de Eve.

— Santo Deus! — O seu abanão de protesto levou-o a procurar equilibrar-se com as suas pequenas garras afiadas. Ela gritou, agitou os braços, saltou e, por fim, aninhou-se junto a Roarke em busca de segurança. Quando se virou para verificar se estava a sangrar, deu com Roarke a sorrir e viu o gato a ronronar que nem um louco sob os seus longos e ágeis dedos.

Restava-lhe apenas ralhar com os dois. — Deduzo que acham que teve piada.

— Ambos gostamos de te receber em casa à nossa maneira. — Quando ela enrolou o lábio, ele estava sentado, tomando a cara dela entre as suas mãos. Aí emolduradas, as suas faces estavam coradas, a sua boca amuada, os seus olhos ensonados. — Está com um ar... usado extremamente atraente, Tenente. — A boca dele roçou ao longo da boca dela, mordiscou-a e quase a fez esquecer que estava chateada com ele. — Porque não tomamos então um duche e durante o jantar dizes-me o que te aborreceu.

— Não tenho fome — resmungou ela. Agora que lhe passara a raiva, queria amuar.

— Tenho eu. — Roarke simplesmente arrancou-a da cama com ele.

Ele deixou-a amuar, deixou-se especular, até chegarem à cozinha. Conhecendo Eve, decidiu que fosse o que fosse que lhe fizera ferver o sangue, era assunto de trabalho. Ela contar-lhe-ia, pensou ele ao escolher massa-concha recheada para ambos comerem no menu do AutoChef. Partilhar os seus fardos não era algo natural para ela, mas acabaria por contar-lhe.

Roarke serviu vinho e depois sentou-se à frente dela na área de refeição aconchegante aninhada sob a janela. — Identificaste o sem-abrigo?

— Sim. — Ela percorreu o pé do copo com o dedo e depois encolheu os ombros. — Era um desses desistentes da Guerra Pós-Urbana. É improvável que alguém saiba porque ele trocou uma vida comum por uma miserável.

— Talvez a vida comum dele fosse muito miserável.

— Sim, talvez. — Indiferente, Eve encolheu os ombros. Teve de fazê-lo. — Vamos liberar o corpo para entregar à filha quando acabarmos os exames.

— Isso deixa-te triste — murmurou Roarke e fê-la erguer o olhar de encontro ao seu.

— Não podemos deixar que entre em nós.

— Deixa-te triste — repetiu ele. — E o modo como canalizas isso é encontrar o homicida.

— É essa a minha função. — Ela pegou no garfo e espetou desinteressadamente uma das massas que tinha no prato. — Se mais pessoas fizessem o seu trabalho em vez de lixarem as que fazem o delas, estávamos todos melhor.

Ah, pensou ele. — Diga lá, quem a lixou, Tenente?

Ela começou a encolher novamente os ombros, querendo dar a entender que não tinha importância alguma. Mas aquilo borbulhou-lhe pela garganta acima e saiu-lhe antes que ela o pudesse impedir. — Recolhe cadáveres de merda. Não pôde comigo mal me viu, sabe-se lá porquê.

— E deduzindo que “recolhe cadáveres” significa aquilo que o seu nome curioso indica, ele tem nome?

— Ela. A Mete-Nojo Bowers da 162ª fez queixa de mim porque a repreendi por fazer um trabalho desleixado. Há mais de dez anos que sou polícia e nunca tive uma queixa oficial. — Agarrou no vinho e emborcou.

Não foi o temperamento dela que fez Roarke pôr a sua mão sobre a dela, mas a derradeira infelicidade que lhe preenchia o olhar. — É grave?

— É uma parvoíce — retorquiu ela, — mas foi feita.

Roarke virou-lhe a mão, a palma para cima, e apertou-a contra a sua. — Conta-me o que aconteceu.

Ela deitou tudo para fora com muito menos comedimento do que o relatório oral que fizera a Whitney. Mas à medida que as palavras lhe saíam, começou a comer sem dar por isso.

— Então... — disse ele quando Eve abrandou. — Basicamente irriteaste uma arruaceira que retaliou fazendo uma queixinha, coisa que aparentemente costuma fazer, e o teu superior está oficial e pessoalmente do teu lado.

— Sim, mas... — Ela fechou a boca, mantendo-se em silêncio durante um momento, pois ele condensara tudo tão bem. — Não foi tão simples assim.

Não podia ser, pensou Roarke, não para Eve. — Talvez não, mas a verdade é que se alguém comparar a tua folha de serviço com a dela, vai fazer ainda mais figura de parva do que já fez.

Isso animou-a um pouco. — Ela manchou a minha reputação — continuou Eve. — Os paspalhos do Gabinete de Assuntos Internos adoram remexer nestas coisas e tive de pôr um caso de lado para responder à acusação ridícula dela. Senão, teria feito busca de dados sobre os cirurgiões que o Cagney me enviou. Ela está-se nas tintas para o caso. Queria apenas ver se me tramava porque lhe dei uma descasca e a mandei comprar café. Não tem nada que estar na Polícia.

— Muito provavelmente nunca cometeu o erro de tentar tramar um agente tão irrepreensível e respeitado como tu. — Ele viu-a franzir as sobrancelhas perante aquele comentário e sorriu um pouco quando ela se contorceu.

— Só me apetece desfazer-lhe a cara.

— Claro — disse Roarke casualmente. — Caso contrário, não serias a mulher que adoro. — Pegou na mão dela, beijou-lhe os dedos e ficou satisfeito por ver um sorriso relutante a suavizar-lhe os lábios. — Queres ir procurá-la e dar-lhe porrada? Eu seguro-te no casaco.

Dessa vez ela riu-se. — Tu queres é ver duas mulheres à bulha. Porque é que os homens gostam disso?

De olhos profundamente azuis e alegres, Roarke beberricou o seu vinho. — Pela esperança constante de que durante a luta se rasgue roupa. Nós homens entretemo-nos com pouco.

— A quem o dizes. — Ela olhou com alguma surpresa para o seu prato vazio. Deduziu que, afinal, estava com fome. Sexo, comida e um ouvido atento. Só mais algumas das maravilhas do casamento, pensou ela. — Obrigada. Afinal acho que já estou melhor.

Como ele tinha preparado a refeição, nada mais justo que ela tratasse dos pratos, pensou Eve. Levou-os para a máquina de lavar, colocou-os lá dentro e deu a tarefa por terminada.

Roarke não se deu ao trabalho de mencionar que pusera os pratos ao contrário e que não dera qualquer ordem à máquina. A cozinha não era o território de Eve, pensou ele. E Summerset trataria da louça.

— Vamos subir até ao meu escritório. Tenho uma coisa para ti.

Uma suspeição cautelosa fê-la semicerrar os olhos. — Disse-te depois do Natal que não queria mais prendas.

— Gosto de te dar prendas — disse ele e optou pelo elevador em vez

de seguir pelas escadas. Com a ponta de um dedo percorreu de cima para baixo a manga da camisa de caxemira que lhe dera. — Gosto de te ver com elas. Mas esta não é esse tipo de prenda.

— Tenho de trabalhar. Está na hora de compensar.

— Mmm-hmm.

Ela mudou a sua pose à medida que o elevador passava do modo vertical para horizontal. — Não é uma viagem ou coisa assim, pois não? Não posso ausentar-me depois dos dias que perdi no outono passado por causa da lesão.

A mão que Roarke pousara levemente no ombro dela fechou-se antes que pudesse controlá-lo. Ela magoara-se gravemente há alguns meses e ele não gostava que lho lembrassem. — Não, não é uma viagem. — Ainda que ele pretendesse arrastá-la, pelo menos, alguns dias até aos trópicos assim que os seus compromissos o permitissem.

Ela descontraía na praia, pensou ele, de um modo que não parecia descontraír-se em mais lado nenhum.

— Muito bem, então o que é? Porque eu tenho mesmo de trabalhar algumas horas.

— Vai buscar-nos café, sim? — Disse ele despreocupadamente quando entrou no seu escritório. E fê-la ranger os dentes. Eve não se podia esquecer que ele lhe permitira desabafar as suas frustrações, que ouvira o seu ponto de vista. E se oferecera para lhe segurar no casaco.

Mas os dentes dela continuavam cerrados de irritação quando definiu o café na consola dele.

Roarke deu-lhe um sussurro ausente de agradecimento e já estava entretido a mexer nos controlos. Eve sabia que ele podia perfeitamente ter usado o comando de voz, mas muitas vezes gostava de mexer nas suas máquinas — brinquedos, como ela muitas vezes pensava — manualmente. Era para manter aqueles dedos ágeis, outrora de ladrão, desenvoltos, pensava ela agora.

O seu escritório de casa combinava tanto com ele como a sua sede faustosa. A consola elegante com controlos e luzes coloridas emoldurava-o lindamente quando entrava no U fundo para trabalhar.

Para além da tecnologia vistosa, os faxes e comunicações, as opções e ecrãs holográficos, a divisão tinha uma certa elegância, do género que parecia acompanhá-lo quer estivesse numa sala de reunião ou num beco.

Os mosaicos lindos do chão, as janelas caras de vidro fosco para proporcionar mais privacidade, as peças de arte e artefactos espalhados, as máquinas e armários de linhas aerodinâmicas que proporcionavam comida e bebidas exclusivas ao mais informal dos comandos.

Era, pensou ela, ocasionalmente desconcertante olhar para ele ali, enquanto trabalhava. Ver vezes sem conta como era lindo e saber que ele lhe pertencia. Tendia a enfraquecê-la nos momentos mais estranhos. Como a enfraqueceu naquele momento, falou numa voz fria e aguda.

— Também queres sobremesa?

— Talvez mais tarde. — Roarke vislumbrou a cara de Eve antes de acenar com a cabeça para a parede oposta. — Ligar ecrãs.

— O que é isso?

— A tua lista de cirurgiões, juntamente com dados pessoais e profissionais.

Ela girou e voltou-se para trás tão depressa que teria derramado o café dele sobre os controlos se Roarke não o tivesse desviado a tempo. — Cuidado, querida.

— Raios, Roarke. *Raios partam!* Eu disse-te explicitamente para não te meteres nisto!

— Disseste? — Em contraste direto com a voz dela, a de Roarke era calma e alegre. — Parece que te desobedeci.

— Este é o meu trabalho e eu sei como fazê-lo. Não quero que pesquises nomes e acedas a dados.

— Compreendo. Bem... — Ele passou a mão sobre algo e os ecrãs de todo o escritório ficaram negros. — Já apaguei tudo — disse ele alegremente e observou, com regozijo, Eve ficar de boca aberta. — Vou pôr a minha leitura em dia enquanto passas a próxima hora e tal a aceder a dados que eu já tinha para ti. Faz sentido.

A Eve não lhe ocorreu dizer nada que não parecesse idiota, daí ter-se limitado a emitir sons de frustração. Na verdade demoraria uma hora, no mínimo, e muito provavelmente não conseguiria dados tão vastos como os que ele conseguira. — Achas-te muito esperto.

— Sou, não sou?

Ela conseguiu conter uma gargalhada e cruzou os braços. — Recupera isso. Tu *consegues* recuperar isso.

— Claro, mas agora vai-te custar. — Ele inclinou a cabeça e curvou um dedo.

O orgulho debatia-se com a conveniência. Como sempre, o trabalho ganhou, mas ela manteve o semblante carregado ao contornar a consola e juntar-se a Roarke atrás dela. — O que foi? — perguntou ela e depois praguejou quando ele a puxou para o colo dele. — Não vou alinhar num dos teus jogos perversos, amigo.

— E eu que estava tão esperançado. — Voltou a passar uma mão sobre os controlos e os dados voltaram a ser mostrados nos ecrãs. — Há cinco cirurgiões na cidade que preenchem os requisitos do teu caso.

— Como sabes quais são os requisitos? Não te dei tantos pormenores quando estive contigo hoje. — Ela voltou a cabeça até os seus narizes quase se tocarem. — Andaste a ver os meus ficheiros do caso?

— Não vou responder a essa pergunta sem a presença de um advogado. A tua testemunha mencionou duas pessoas — continuou Roarke enquanto ela o estudava com olhos semicerrados. — Deduzo que não estejas a excluir mulheres.

— Eu mexo nos teus ficheiros? — perguntou ela, espetando um dedo no ombro dele para enfatizar cada palavra. — Ou por acaso ando a ver as tuas opções sobre ações ou coisa assim?

Eve não conseguiria aceder aos ficheiros dele com uma bomba caseira, mas ele limitou-se a sorrir. — A minha vida é um livro aberto para ti, querida. — Já que estava ali à mão, prendeu o lábio inferior dela entre os seus dentes e puxou delicadamente. — Queres ver a gravação de vídeo da minha última reunião da administração?

Eve ter-lhe-ia dito para ele ir dar uma volta, mas já tinham ambos dado. — Esquece. — Virou-se novamente e tentou não ficar demasiado agradada quando os braços dele a aconchegaram num abraço. Ainda assim, ela encostou-se a Roarke e aninhou-se. — Tia Wo, cirurgiã geral especializada em transplante e reparação de órgãos, médica do privado, colaboradora do Centro Drake, Clínica Cirúrgica da Zona Leste e Clínica Nordick, em Chicago.

Eve leu os dados iniciais atentamente. — Descrição e imagem no ecrã. Mede um metro e oitenta e dois — reparou Eve — e é forte. Era fácil um alcoólico confundir-la no escuro com um homem, especialmente se ela trouxesse um casaco comprido. O que sabemos sobre a Dra. Wo?

Respondendo ao seu comando de voz, o computador começou a listar detalhes enquanto Eve estudava a imagem de uma mulher séria de cinquenta e oito anos com cabelo escuro liso; olhos azuis frios e um queixo extremamente pontiagudo.

A sua educação fora excelente, a sua formação, superior. E os seus quase trinta anos a recolher órgãos valera-lhe um salário anual astronómico, que ela complementava apoiando produtos da Substituição de Órgãos NewLife, Lda. Era uma empresa de fabrico detida e gerida pela Roarke Enterprises, constatou Eve com um suspiro muito vago.

Divorciara-se duas vezes, uma vez de um homem, outra de uma mulher, e nos últimos seis anos o seu estado civil era solteira. Não tinha filhos, nem cadastro criminal e apenas três processos pendentes por negligência.

— Conhece-la? — perguntou Eve.

— Hmm. Muito vagamente. É fria, ambiciosa, muito focada. Dizem que tem umas mãos de ouro e a mente de uma máquina. Como vês, foi

presidente da Associação Médica Americana há cinco anos. É uma mulher poderosa na sua área.

— Tem ar de quem gostaria de cortar pessoas — murmurou Eve.

— Imagino que sim. Senão, porquê fazê-lo?

Ela sacudiu um ombro e solicitou os restantes nomes. Estudou-os à vez: dados, caras.

— Quantas destas pessoas conhece?

— Todas — disse-lhe Roarke. — Na sua maioria de longe, de eventos sociais. Felizmente nunca precisei dos seus préstimos profissionais.

E os instintos dele, pensou Eve, eram tão bons como a sua saúde. — Quem é a mais poderosa de todas?

— As mais poderosas são o Cagney, a Wo e o Waverly.

— Michael Waverly — murmurou ela, voltando a chamar os dados dele. — Quarenta e oito anos, solteiro, chefe de cirurgia do Drake e atual presidente da AMA. — Ela estudou a cara elegante, os olhos verdes intensos e a sua juba dourada.

— Qual é o mais arrogante? — perguntou a Roarke.

— Acho que isso é um requisito para todos os cirurgiões, mas se tivesse de escolher por graus, diria novamente a Wo, o Waverly, sem dúvida, e juntava o Hans Vanderhaven, diretor de investigação do Drake, outro cirurgião que recolhe órgãos e trabalha nos três principais hospitais do país, com ligações sólidas no exterior. Tem cerca de sessenta e cinco anos e vai no quarto casamento. Cada esposa é uma década mais nova. A atual é uma antiga modelo de *body sculpting* e mal tem idade para votar.

— Não te pedi cusquices — disse Eve de modo preciso, para depois ceder. — Que mais?

— As ex-mulheres dele odeiam-no. A última tentou fazer-lhe uma pequena cirurgia improvisada com uma lima das unhas, quando deu com ele a brincar aos médicos com a modelo. O Conselho de Moral da AMA advertiu-o, mas pouco mais do que isso fez.

— Vou analisar primeiro esses — decidiu ela. — O que fizeram ao Snooks implicou arrogância e poder, para além de habilidade.

— Vais encontrar muitos entraves neste caso, Eve. Eles não te vão dizer nada.

— Foi um homicídio qualificado, com mutilação e roubo de órgãos. — Ela deslizou as suas mãos pelo cabelo dele. — Quando se aumenta o lume, as pessoas começam a mexer-se. Se algum destes “bisturis” sabe alguma coisa, vai contar-me.

— Se quiseres ver mais de perto, podemos ir ao desfile de moda e jantar com baile para a angariação de fundos do Centro Drake, no final da semana.

Ela estremeceu. Preferia andar ao soco com um viciado em Zeus. — Desfile de moda. — Eve suprimiu um tremor. — Ena. Sim, podemos ir, mas vão ter de me pagar mais pelo incômodo.

— O Leonardo é um dos estilistas — disse-lhe ele. — A Mavis vai lá estar.

A ideia da sua amiga independente, de estilo invulgar, num evento empertigado de angariação de fundos médicos animou Eve. — Quero só ver quando ela aparecer.

Se não fosse a questão com Bowers, no dia seguinte Eve teria optado por trabalhar no escritório de casa, num computador que não lhe desse chatices. Mas por uma questão de orgulho, queria ser vista na Central Policial quando o falatório começasse.

Passou a manhã no tribunal a depor num caso que encerrara alguns meses antes e chegou à Central pouco depois da uma da tarde. A primeira coisa que fez foi procurar Peabody. Em vez de ir diretamente para o seu gabinete e fazer uma chamada por comunicador, Eve atravessou o espaço aberto dos inspetores.

— Olá, Dallas. — Baxter, um dos inspetores que mais gostava de se meter com ela, piscou-lhe o olho com um sorriso de orelha a orelha. — Espero que dê cabo dela.

Eve sabia que era uma demonstração de apoio. Apesar de a deixar animada, encolheu os ombros e prosseguiu. Foram atirados mais alguns comentários de secretárias e cubículos, todos a propósito do mesmo. A primeira coisa a fazer quando se apontava um dedo a um polícia era partir esse dedo.

— Dallas. — Ian McNab, um inspetor em ascensão destacado para a Divisão de Inspetor Eletrónico, rondava a entrada do cubículo de Peabody. Era lindíssimo, com o seu cabelo dourado comprido penteado para trás, seis brincos de prata na orelha esquerda e um sorriso sincero na cara. Eve trabalhara com ele em alguns casos e sabia que, sob a aparência de menino bonito e falador, estava um cérebro ágil e instintos fiáveis.

— As coisas estão calmas na DIE, McNab?

— Nunca. — Ele exibiu o seu sorriso rasgado. — Acabei de pesquisar um dos agentes e resolvi vir chatear a Peabody antes de voltar para o sítio onde trabalham os polícias a sério.

— Importa-se de me livrar desta carraça, Tenente? — queixou-se Peabody, estava realmente com um ar irritado.

— Não lhe toquei no rabo. Ainda. — McNab sorriu. Irritar Peabody era um dos seus passatempos preferidos. — Achei que podiam precisar da minha ajuda para resolver o problema que têm entre mãos.

Perfeitamente capaz de ler nas entrelinhas, Eve elevou uma sobrancelha. Ele estava a disponibilizar-se para contornar os trâmites e vasculhar a vida de Bowers.

— Estou a tratar disso, obrigada. Preciso da Peabody, McNab. Andor.

— Você é que sabe. — Ele voltou a espreitar para dentro do cubículo. — Até mais logo, She-Body. — E afastou-se pavoneando-se, a assobiar, enquanto ela sibilava.

— Parvalhão — foi tudo o que Peabody conseguiu dizer quando se colocou de pé. — Já entreguei os meus relatórios, Tenente. Os resultados do médico-legista chegaram há uma hora e estão à sua espera.

— Manda tudo o que diga respeito ao atual homicídio para a Dra. Mira. Conseguiram marcar-me uma consulta rápida no consultório dela. Acrescenta isto — disse ela, entregando um disco a Peabody. — É uma lista dos melhores cirurgiões da cidade. Despacha o maior número possível de papelada que conseguires nas próximas duas horas. Vamos regressar ao local do crime.

— Com certeza. Está bem?

— Não tenho tempo para me preocupar com idiotas. — Eve voltou costas e dirigiu-se ao seu gabinete.

Aí encontrou uma mensagem dos idiotas da manutenção a avisar que o equipamento dela estava bom. Restava-lhe apenas fazer uma careta enquanto ligava a sua teleligação para contactar Feeney da DIE.

A sua cara confortavelmente amarfanhada encheu-lhe o monitor e ajudou-a a ignorar o zumbido irritante.

— Dallas, que monte de merda é esta? Quem raio é a Bowers? E porque permites que continue viva?

Eve viu-se obrigada a sorrir. Não havia ninguém mais fiável do que Feeney. — Não tenho tempo a perder com ela. Tenho um sem-abrigo morto a quem levaram o coração.

— Levaram-lhe o coração? — As sobrancelhas desgrenhadas da cor da ferrugem de Feeney arquearam-se num ápice. — Porque não me disseram nada?

— Deve ter escapado — disse ela calmamente. — E é mais divertido falar de polícias a ajustar contas entre si do que de mais um sem-abrigo morto. Mas este caso é interessante. Deixa-me fazer-te um resumo.

Contou-lhe, nessa estenografia rápida e formal que os polícias usam como uma segunda língua. Feeney acenou com a cabeça, contraiu os lábios, abanou a cabeça e resmungou. — A vida está cada vez mais doentia — disse ele quando ela terminou. — De que precisas?

— Podes verificar-me rapidamente crimes parecidos com este?

— A nível citadino, nacional, internacional ou interplanetário?

Ela tentou fazer um sorriso triunfante. — Tudo? O máximo que conseguireis até ao final do turno?

A cara habitualmente taciturna de Feeney descaiu apenas mais um pouco. — Nunca pedes coisas simples, miúda. Sim, nós tratamos disso.

— Obrigada. Eu mesma pedia ao CIRAC — continuou ela, referindo-se a uma das paixões de Feeney, o Centro Internacional de Recursos de Atividades Criminosas, — mas o meu equipamento está outra vez a dar problemas.

— Não daria se o tratasses com algum respeito.

— É fácil para ti falar quando a DIE recebe todo o equipamento de primeira. Mais logo vou estar no terreno. Se tiveres alguma pista, conta-me.

— Se houver alguma pista a encontrar, podes contar com ela. Até logo — disse ele e desligou.

Dedicou ainda algum tempo a analisar o relatório final de Morris, sem encontrar nenhuma surpresa ou dados novos. Finalmente Snooks podia voltar à sua terra, Wisconsin, pensou ela, com a filha que não via há trinta anos. Seria mais triste, conjeturou Eve, que ele tivesse optado por viver a última parte da sua vida sozinho, sem contato com a família, sem contato com o passado?

Apesar de não ter sido uma escolha, ela fizera o mesmo. Mas esse corte, essa amputação com o passado fizera dela a pessoa que era. Teria acontecido o mesmo com ele, da mais patética das formas?

Afastando esse pensamento, Eve persuadiu a sua máquina — dando-lhe dois socos — a deitar fora a lista de traficantes e dependentes químicos da área em redor do local do crime. E um único nome fê-la abrir um sorriso esguio e definido.

Bom velho Ledo, pensou ela, e voltou a sentar-se na cadeira. Julgava que o há muito traficante de erva e Jazz era convidado da prisão estadual. Aparentemente tinha saído três meses antes.

Não seria difícil encontrar Ledo, decidiu ela, e persuadi-lo — com a mesma técnica usada no seu equipamento, se fosse necessário — a conversar.

Mas primeiro estava Mira. Reunindo o material necessário para ambos os interrogatórios, Eve saiu do seu gabinete. Contactou Peabody a caminho e ordenou que a auxiliar fosse ter com ela ao veículo na garagem daí a uma hora.

O consultório de Mira poderia muito bem ser um armazém para problemas emocionais e mentais. Poderia ser um centro para a disseminação, exame e análise da mente criminosa, mas sempre com aparência relaxante, elegante e fina.

Eve nunca percebera como podia ser ambas as coisas. Ou como a médica conseguia trabalhar dia após dia com o pior que a sociedade expelia sem deixar de manter a sua atitude calma e imperturbável.

Eve considerava-a a única senhora genuína e absoluta que conhecia.

Era uma mulher em forma, com cabelo negro cujas ondas partiam de uma cara serenamente linda. Preferia fatos esguios, de cores suaves e acessórios clássicos como um colar de pérolas.

Hoje trazia um, com lágrimas de pérola discretas nas orelhas para enfeitar um fato de um verde-musgo claro. Como de costume, com um gesto indicou a Eve que se sentasse numa das cadeiras em forma de colher e pediu chá do AutoChef.

— Como está, Eve?

— Bem. — Eve tinha sempre de se lembrar de mudar de velocidade quando estava com Mira. A atmosfera, a mulher, a atitude não lhe permitiam lançar-se logo ao assunto. Mira dava valor aos pequenos pormenores. E, com o tempo, Eve acabara por dar valor a Mira. Aceitou o chá que fingiu beber. — Ah, como foram as suas férias?

Mira sorriu, agradada por Eve se lembrar que estivera fora alguns dias e por perguntar. — Foram maravilhosas. Nada revitaliza tanto o corpo e a alma como uma semana num Spa. Esfregaram-me, esfoliaram-me, poliram-me e mimaram-me. — Ela riu-se e beberricou o seu chá. — Você teria odiado.

Mira cruzou as pernas, equilibrando a delicada chávena e pires com uma mão, com uma graciosidade informal que Eve achava que algumas mulheres simplesmente possuíam desde nascença. A porcelana floral feminina sempre a fizera sentir-se aselha.

— Eve, já soube da dificuldade que está a ter com uma agente. Lamento.

— Não é nada de especial — disse Eve, para depois suspirar. Afinal de contas, trava-se de Mira. — Fiquei danada. É uma agente desleixada com pelo na venta e agora manchou-me a minha folha de serviço.

— Sei o quão importante essa folha de serviço é para si. — Mira inclinou-se para a frente e tocou com a sua mão na de Eve. — Saiba que quanto mais longe chegar e mais a sua reputação brilhar, mais um determinado tipo de pessoa quererá manchá-la. Não singrará neste caso. Não posso dizer muito, dado que é confidencial, mas posso dizer-lhe que esta agente específica tem fama de fazer queixas frívolas e, na maioria dos casos, não é levada a sério.

O olhar de Eve aguçou-se. — Já lhe fez exames?

Inclinando a cabeça, Mira elevou uma sobrancelha. — Não posso comentar isso. — Mas certificou-se de que Eve percebesse que a resposta

era afirmativa. — Quero simplesmente, como amiga e colega, disponibilizar-lhe todo o meu apoio. Muito bem... — Voltou a recostar-se e a bebericar o seu chá. — Falemos do seu caso.

Eve matutou durante um minuto antes de se recordar que os seus assuntos pessoais não podiam interferir com o trabalho. — O homicida só pode ter formação e muita perícia em cirurgia a laser e remoção de órgãos.

— Sim, li as conclusões do Dr. Morris e concordo. Contudo, isso não significa que se trate de um membro da comunidade médica. — Ergueu um dedo antes que Eve pudesse protestar. — Pode ser um médico reformado ou pode, como acontece a imensos cirurgiões, ter perdido o juízo. É bastante óbvio que é alguém desorientado, caso contrário não teria violado o mais sagrado dos juramentos e matado uma pessoa. Se tem licença e exerce medicina, isso já não sei.

— Mas concorda que se não exerce de momento, exerceu outrora.

— Sim. Sem dúvida, com base nas suas descobertas no local e o relatório da autópsia feito por Morris, o homicida é alguém com capacidades específicas que implicam anos de formação e prática.

Pensativa, Eve inclinou a cabeça. — E o que diria de uma pessoa que tem coragem de matar, com perícia e a sangue-frio, um homem às portas da morte por um órgão que não vale nada e depois salva o próximo paciente ao seu cuidado na mesa da sala de operações?

— Diria que é um tipo possível de megalomania. O complexo de Deus que muitos médicos possuem. E do qual frequentemente precisam — acrescentou ela — para terem a coragem, até mesmo a arrogância, de cortar um corpo humano.

— Aqueles que o fazem, têm prazer nisso.

— Prazer? — Mira fez um som inquisitivo. — Talvez. Sei que não gosta de médicos, mas a maioria tem vocação, uma grande necessidade de curar. Em qualquer profissão com uma elevada formação específica, há quem seja... bruto — disse ela. — Quem se esqueça da humildade. — Ela sorriu um pouco. — Não é a sua humildade que faz de si uma excelente polícia, mas a sua crença inata no seu talento para este trabalho.

— Está bem. — Aceitando essa constatação, Eve recostou-se e assentiu com a cabeça.

— Contudo, é também a sua compaixão que a impede de esquecer a importância desse trabalho. Outros profissionais da sua área e da minha perdem isso.

— No caso dos polícias que perdem, é porque o trabalho se torna rotineiro, talvez com um pouco de poder à mistura — comentou Eve. — No caso dos médicos, é preciso juntar a questão do dinheiro.

— O dinheiro é uma motivação — concordou Mira. — Mas um

médico demora anos a pagar o investimento financeiro na sua instrução e formação. Há outras compensações mais imediatas. Salvar vidas é algo poderoso, Eve, ter o talento, a capacidade de fazê-lo é, para alguns, uma espécie de explosão de luz. Como podem ser como as outras pessoas quando colocaram as suas mãos num corpo humano e o curaram?

Fez uma pausa e beberricou contemplativamente o seu chá. — E para algumas pessoas com esse tipo de personalidade — continuou ela no seu tom de voz suave e calmante, — pode haver e normalmente há a defesa do distanciamento emocional. Sob o meu bisturi não está um ser humano, está um paciente, um caso.

— Os polícias fazem a mesma coisa.

Mira olhou diretamente para os olhos de Eve. — Nem todos. Aqueles que não fazem isso, que não conseguem, podem sofrer, mas fazem muito mais diferença. Nesta investigação acho que podemos concordar desde já em alguns pontos básicos. Não procura uma pessoa com um ressentimento pessoal contra a vítima. Não é raiva ou violência que a motiva. É controlada, objetiva, organizada e fria.

— Mas todos os cirurgiões são assim, não? — perguntou Eve.

— Sim. A pessoa executou uma operação, com êxito, para seu bem. Gosta do seu trabalho, demonstrado pelo tempo e esforço que dedicou à operação. A remoção e transplante de órgãos é uma área que não domino, mas sei que quando a vida do dador não é uma preocupação, esta cirurgia não requer tanta meticulosidade. A incisão cuidada, o fechar da incisão. Orgulha-se de ser cirurgião, muito provavelmente é muito mais do que arrogante. Não teme consequências, no meu ver, porque acha que as não haverá. Está acima disso.

— Não receia ser apanhada?

— Não, não receia. Ou então sente-se protegida, caso os seus atos sejam descobertos. Diria que é uma pessoa bem sucedida — seja ou não um cirurgião no ativo —, segura, dedicada à sua tarefa e, muito provavelmente, goza de alguma proeminência no seu círculo.

Mira voltou a beberricar o seu chá e franziu as sobrancelhas. — Deveria dizer *elas*. No seu relatório afirma que havia duas pessoas. Diria que deve ser prática comum levar um anestesista ou um auxiliar formado para tratar dessa parte da cirurgia, ou um segundo cirurgião com conhecimentos de anesthesiologia para ajudar.

— Não tiveram de se preocupar com a sobrevivência do paciente — salientou Eve. — Mas acho que só se contentaria com o melhor. E teria de ser alguém da sua confiança.

— Ou sob o seu controlo. Alguém que a pessoa soubesse que é leal ao propósito.

Eve ergueu a sua chávena e depois teve de controlar um tremor quando se lembrou que não era café. — Qual é o propósito?

— Quanto ao motivo por detrás da remoção do coração, só vejo duas possibilidades. Uma é lucro, que me parece muito fraca, dada a avaliação do Dr. Morris da saúde geral da vítima. Outra seria para experiências.

— Que tipo de experiências?

Mira levantou uma mão e acenou-a vagamente. — Não sei, mas uma coisa lhe digo, como médica, essa possibilidade assusta-me. No auge das Guerras Urbanas, aceitou-se tacitamente a realização de experiências em mortos e moribundos. Não foi a primeira vez na História que as atrocidades se tornaram lugar-comum, mas temos sempre esperança que seja a última. A justificação na altura era que se podia aprender imenso, que se podiam salvar outras vidas, mas não há justificação.

Colocou o seu chá de lado e entrelaçou os dedos sobre o colo. — Rezo, Eve, para que este seja um incidente isolado. Mas se não for, está a lidar com algo mais perigoso do que homicídio. Pode estar a lidar com uma missão, disfarçada sob um véu do bem geral.

— Sacrificar uns poucos para salvar muitos? — Eve abanou lentamente a cabeça. — Essa posição não é novidade. Mas não dura.

— Sim. — Havia um quê de pena e um quê de medo no olhar calmo de Mira. — Mas dura sempre tempo de mais.

Quase todas as pessoas são criaturas de hábitos. Eve deduziu que um traficante de químicos de segunda, que gostava de emborcar o seu próprio produto, não fugiria à regra. Se a memória não lhe falhava, Ledo gostava de passar os seus dias inúteis a explorar paspalhos na Compu-Pool ou Sexcapades numa espelunca chamada Gametown.

Eve não acreditava que alguns anos engaiolado tivessem alterado as suas escolhas recreativas.

Nas entranhas da Baixa, os edifícios estavam escorregadios de sujos e as ruas repletas de porcaria. Após atacarem uma equipa de reciclagem, de lhe darem uma carga de porrada e de terem destruído a sua carrinha, o sindicato riscara da lista esta secção de quatro quarteirões. Não havia um funcionário municipal que se aventurasse naquilo que era conhecido como a Praça sem equipamento de combate e atordoantes. Estava no contrato.

Eve trazia um colete de proteção sob o blusão e mandara Peabody fazer o mesmo. Isso não impediria que as degolassem, mas impediria uma navalha no coração.

— Marca o teu atordoante para alcance máximo — ordenou Eve, e apesar de Peabody ter exalado agudamente, não disse nada.

A sua pesquisa sobre cultos que ligasse pessoas conhecidas ao tipo de homicídio que estavam a investigar não dera em nada.

Ela ficara aliviada. Tendo já lidado uma vez com esse tipo de horror e chacina, Peabody sabia que passava perfeitamente sem ter de voltar a lidar com isso.

Mas à medida que entravam na Praça, pensou que preferia muito antes uns quantos adoradores de Satanás sedentos de sangue do que os residentes deste setor.

As ruas não estavam vazias, mas estavam calmas. Ali, a agitação esperava pelo anoitecer. Os poucos que rondavam pelas entradas das casas ou vagueavam pelos passeios, faziam-no de olhos bem abertos e irrequietos, de mãos nos bolsos segurando uma arma de eleição.

A meio de um quarteirão, um Táxi Rápido estava voltado como uma tartaruga virada ao contrário. Tinha os vidros partidos, os pneus roubados e várias sugestões sexuais interessantes já tinham sido pintadas a spray nas portas.

— O taxista devia ser atrasado mental para trazer aqui um cliente — resmungou Eve quando passou pelo carro abandonado.

— E isso faz de nós o quê? — perguntou Peabody.

— Agentes policiais duras de roer. — Eve sorriu de orelha a orelha e reparou que apesar de o graffiti parecer fresco, não havia sinais de sangue.

Eve detetou dois droides de patrulha totalmente vestidos com equipamento para combater motins a passar num carro-patrulha blindado. Fez-lhes sinal, encostando o seu distintivo ao vidro.

— O taxista safou-se?

— Estávamos nas proximidades e dispersámos a multidão. — O droide no lugar do passageiro esboçou um pequeno sorriso. Ocasionalmente um dos engenheiros eletrónicos programava um droide de patrulha com sentido de humor. — Protegemos o taxista e levámo-lo até ao limite do setor.

— O táxi já era — comentou ela e depois esqueceu. — Conhecem o Ledo?

— Sim. — O droide assentiu com a cabeça. — Fabricante e distribuidor de ilegais condenado. — Novamente o ligeiro sorriso. — Reabilitado.

— Pois, pois. Agora é um cidadão exemplar. Ele ainda costuma frequentar o Gametown?

— É sabido que é lá que se diverte.

— Vou deixar aqui o meu carro. Quero-o inteiro quando voltar. — Ativou todos os alarmes anti-roubo, vandalismo e dissuasores, para depois sair do carro e escolher o seu alvo.

Ele era alto e magro, de olhar mau e bebia mecanicamente de uma garrafa de cerveja castanha, encostado a uma parede de aço riscada, decorada com várias sugestões de atividades sexuais parecidas com as das do táxi capotado. Várias tinham erros ortográficos, mas os desenhos não eram maus.

À medida que Peabody se esforçava por impedir que o seu coração atrapalhasse a voz, Eve foi ter com ele e inclinou-se sobre a cara dele. — Está a ver aquele carro?

A boca dele desenhou um sorriso de desprezo. — A mim parece-me um carro de uma cabra da Polícia.

— É isso mesmo. — Ela agarrou na mão livre dele pelo pulso, torcendo com força antes que ele conseguisse metê-la no bolso. — E se eu voltar e vir que alguém lhe fez alguma coisa, esta cabra da Polícia vai puxar-lhe os tomates até à garganta, enrolá-los ao pescoço e esganá-lo com eles. Entendeu?

Ele desfez o sorriso de escárnio. As suas faces ficaram rosadas e a raiva brilhava nos seus olhos. Mas ele assentiu com a cabeça.

— Ótimo. — Eve soltou-o, recuou, depois virou-se e afastou-se sem olhar para trás.

— Caraças, Dallas, caraças. Porque fez isso?

— Porque agora ele tem interesse em garantir que temos transporte para sair daqui. Este tipo de gente não se mete com polícias, apenas tem maus pensamentos. Normalmente... — Eve acrescentou com um sorriso malandro à medida que desciam pelas escadas de metal até ao subsolo.

— Isso é uma piada, não? Ah, ah? — Os dedos de Peabody contraíram-se sobre a arma presa junto ao tronco.

— Está atenta — disse Eve calmamente quando mergulharam na luz melancólica, cor de urina de face escondida de Nova Iorque.

A escumalha, pensou Eve, tinha de procriar em algum lado. E aquele local era propício a isso. Sob as ruas, longe do ar, no mundo fundo e húmido das prostitutas ilegais e dependentes condenados.

De tempos a tempos, o gabinete do Presidente da Câmara dizia que ia limpar o subsolo. De tempos a tempos, os canais de debates debatiam e condenavam. Ocasionalmente, faziam uma rusga policial e de segurança rápida e ridícula, recolhiam uma mão-cheia de desgraçados e deitavam-nos em celas, e algumas das piores casas eram encerradas durante um dia ou dois.

Ela participara numa dessas rusgas quando fazia patrulhas e não esquecera o terror que lhe dava volta ao estômago, os gritos, o reluzir das lâminas e o fedor de bombas caseiras.

Não se esquecera que Feeney fora seu formador como agora ela era formadora de Peabody. E ele conseguira que Eve sobrevivesse.

Agora ela mantinha um passo rápido enquanto o seu olhar percorria tudo de um lado ao outro.

Ecoava música: sons agressivos e dissonantes que batiam nas paredes e nas portas fechadas das discotecas. Os túneis não eram aquecidos, pelo menos já não eram, e a sua respiração era exalada em nuvens brancas para se desvanecer na luz amarela.

Uma prostituta de ar gasto com um casaco à marinheiro concluía transações financeiras com um cliente de ar gasto. Ambos olharam para Eve e depois para a sua farda antes de se esgueirarem para tratar do negócio propriamente dito.

Alguém fizera uma fogueira num bidão num dos becos estreitos. À sua volta amontoavam-se homens, trocando créditos por pequenos maços de ilegais. Tudo parou quando ela chegou ao início do beco, mas Eve continuou a andar.

Podia ter ficado toda partida e a sangrar, pedido reforços e tê-los de-

tido. E eles, ou outros como eles, iriam traficar morte sobre a fogueira fedorenta ao cair da noite.

Ela aprendera a aceitar que nem tudo podia ser mudado, nem tudo podia ser consertado.

Eve seguiu o serpentear do túnel e depois fez uma pausa para estudar as luzes intermitentes do Gametown. As cores vermelhas e azuis sombrias não tinham um ar de comemoração, bombeando contra as luzes do teto de um amarelo nauseante. De alguma forma, ambas lhe pareciam insidiosas e desesperadas, como a prostituta velha pela qual passara nos túneis.

E lembravam-lhe outra luz garrida, um vermelho pulsante contra a janela suja do último quarto sujo que partilhara com o seu pai. Antes de ele a violar pela última vez.

Antes de ela o matar e deixar essa jovem espancada para trás.

— Desculpe?

— Não me lembro dela — murmurou Eve à medida que as memórias ameaçavam vir ao de cima e afogá-la.

— Quem? Tenente? Dallas? — Desconfortável com o olhar confuso de Eve, Peabody tentou olhar para todos os lados ao mesmo tempo. — Quem está a ver?

— Ninguém. — Ela voltou a si, furiosa por os músculos do seu estômago tremerem com a lembrança. Acontecia de vez em quando. Algo despoletava essas memórias e, com elas, o medo e a culpa que as acompanhavam. — Ninguém — repetiu. — Entramos juntas. Ficas comigo, fazes tudo o que eu fizer. Se a coisa se complicar, não te preocupes com os procedimentos. Faz jogo sujo.

— Pode estar descansada. — Engolindo em seco, Peabody aproximou-se da porta e entrou, o seu ombro colado ao de Eve.

Havia jogos e muitos. Explosões, gritos, gemidos e risos saíam de máquinas. Havia dois campos holográficos nesse piso, estando um a ser usado enquanto um miúdo magrela de olhar vazio pagava para combater com o seu gladiador romano, terrorista da Guerra Urbana ou lutador de wrestling prediletos. Eve não se deu ao trabalho de ver o primeiro assalto.

Para quem quisesse entretenimento ao vivo, havia um fosso de wrestling onde duas mulheres com peitos enormes, de fabrico humano, besuntadas de óleo, grunhiam e escorregavam perante os incentivos da multidão.

As paredes estavam vivas com ecrãs que mostravam ação de dúzias de eventos desportivos, fora e dentro do planeta. Faziam-se apostas. Perdia-se dinheiro. Punhos voavam.

Eve ignorou-os também, avançando pelas áreas, para além de tubos privados onde clientes bebiam e jogavam jogos de azar ou habilidade gananciosamente sozinhos, passando o bar onde outros estavam sentados de

cara amuada, até à área seguinte onde a música baixinha e soturna servia de cenário radical a mais jogos.

Havia uma dúzia de mesas de bilhar alinhadas como caixões, as luzes do rebordo piscavam consoante as bolas batiam ou saltavam. Metade das mesas estava vazia, mas nas que estavam a ser utilizadas, a parada era séria.

Um homem negro com a sua careca reluzente decorada com uma tatuagem dourada de uma cobra enroscada comparava a sua habilidade com a de um droide da casa. Ela era alta, forte e trazia um par de trapos verdes néon que lhe cobriam as mamas e entrepernas. Trazia presa à anca, desembainhada, uma faca com uma lâmina fina.

Eve detetou Ledo na mesa do fundo, aparentemente a jogar ininterruptamente com três outros homens. Pelo sorriso trocista de Ledo e a expressão carrancuda dos outros, percebia-se bem quem estava a ganhar.

Ela passou primeiro pela droide, viu-a tocar no seu taco como forma de aviso ou por hábito, enquanto a tatuagem da cobra resmungava algo do género “putas da Polícia”.

Eve poderia ter ligado ao comentário, mas isso teria dado a Ledo uma oportunidade de se escapulir. Ela não queria ter de andar atrás dele outra vez.

A conversa foi parando de mesa para mesa, com sugestões murmuradas cruéis e irritantes. Com o mesmo tipo de gesto inato do droide, Eve abriu o seu blusão e dançou os dedos pela sua arma.

Ledo inclinou-se sobre a mesa, o seu taco de ponta de prata feito por encomenda a postos contra a veloz bola cinco. A luz de desafio piscava contra o lado esquerdo. Se tivesse boa pontaria, acertasse e enfiasse a bola, ganhava mais cinquenta créditos.

Ainda não estava bêbedo nem alterado pelo fumo. Nunca tocava nos seus produtos durante uma partida. Estava tão reto como sempre, o seu corpo ossudo a postos, o seu cabelo de palha claro penteado para trás da sua cara branca como leite. Apenas os seus olhos tinham cor e eram de um castanho-chocolate, cor-de-rosa nos rebordos. Estava apenas a alguns escorregadios passos de se tornar um dos dependentes que fornecia.

Se não parasse de consumir, os seus olhos perderiam a agudeza para jogar bilhar.

Eve deixou-o jogar. As mãos dele tremiam ligeiramente, mas ajustara o peso do taco para compensar. Desligou a luz, fazendo soar a campainha de pontuação e depois a bola rolou pela mesa e caiu limpinha no buraco.

Apesar de ter inteligência suficiente para não comemorar, o largo sorriso dividiu-lhe a cara à medida que se endireitava. Depois o seu olhar pousou sobre Eve. Não a reconheceu logo, mas percebeu que era polícia.

— Ledo, precisamos de conversar.

— Eu não fiz nada. Estou a jogar.

— Parece-me que agora é intervalo. — Ela avançou e depois desviou lentamente o seu olhar para o monte de músculos que se colocou à sua frente.

Ele tinha pele cor de cobre e um peito tão largo como o Estado de Utah. Um pequeno frisson de antecipação subiu-lhe pela coluna quando ergueu o olhar para lhe ver a cara.

Tinha ambas as sobrancelhas furadas com argolas de ouro. Os seus dentes caninos eram prateados e bem pontiagudos e reluziam consoante os seus lábios se afastavam. Ele media mais trinta centímetros do que ela e provavelmente tinha mais quarenta e cinco quilos.

O seu primeiro pensamento foi: *Ótimo, ele é perfeito*. E ela sorriu para ele.

— Saia-me da frente. — Eve falou com calma, quase agradavelmente.

— Estamos aqui a jogar. — A voz dele ribombou como um trovão sobre um desfiladeiro. — Eu vou jogar com este cara de cu até aos cinco mil. O jogo só acaba quando tiver oportunidade de recuperar o meu dinheiro.

— Assim que eu e o cara de cu conversarmos, pode voltar a jogar.

Agora já não tinha receio que Ledo fugisse. É que os outros dois jogadores tinham-no rodeado e agarraram-lhe nos braços frágeis. Mas o monte de carne que lhe tapava o caminho deu-lhe um pequeno empurrão e voltou a mostrar os dentes.

— Não queremos aqui polícias. — Voltou a dar-lhe um empurrão. — Nós aqui *comemos* polícias.

— Bom, nesse caso... — Ela deu um passo atrás e viu os olhos dele brilhar triunfantes. De seguida, rápida como uma serpente, agarrou no adorado taco de Ledo e espetou a sua extremidade na barriga cor de cobre. Ele grunhiu, dobrou-se para a frente e ela deu balanço ao taco como um jogador de basebol no final de um jogo.

Fez um estalido satisfatório quando entrou em contato com a parte lateral da sua cabeça. Ele cambaleou uma vez, abanou violentamente a cabeça e depois, com sangue no olho, foi em direção a ela.

Eve disparou o seu joelho de encontro aos testículos dele e viu a cara dele passar de um tom de cobre cintilante para um cinzento pastoso à medida que caía.

Desviando-se, Eve perscrutou a sala. — Mais alguém quer tentar comer esta polícia?

— Partiu-me o taco! — Quase a chorar, Ledo atirou-se para a frente e agarrou no seu amor. O cabo guinou para cima e atingiu Eve na maçã do rosto. Ela viu estrelas, mas não pestanejou.

— Ledo, seu anormal — começou ela.

— Espere. — O homem que entrou parecia um daqueles executivos

em ascensão que corria pelas ruas sobre eles e a vários quarteirões para norte. Era esguio e limpo e tinha estilo.

A fina camada de porcaria que cobria tudo o resto parecia não lhe tocar.

Com uma mão a prender Ledo, Eve voltou-se e sacou do seu distintivo. — De momento — disse ela calmamente, — não tenho problema nenhum consigo. Quer que isso mude?

— De todo... — Ele fechou e abriu os seus olhos azuis-prateados perante o distintivo dela, vislumbrou a cara dela e depois Peabody, que se mantinha alerta. — Tenente... — terminou ele. — Receio que este estabelecimento raramente seja visitado pela nata de Nova Iorque. Os meus clientes foram apanhados de surpresa.

Ele baixou o olhar até ao homem que continuava a gemer no chão. — Em vários sentidos — acrescentou ele. — Chamo-me Carmine e este estabelecimento é meu. Em que posso ajudá-la?

— Em absolutamente nada, Carmine. Só quero dar uma palavrinha a um dos seus... clientes.

— Certamente quer falar com ele num lugar calmo. Posso mostrar-lhe uma das nossas salas privadas.

— Isso é que vinha mesmo a calhar, Carmine. Peabody? — Eve arrancou o taco das mãos de Ledo e entregou-o. — A minha auxiliar vai acompanhá-lo, Ledo. Se não conseguir acompanhá-la, ela pode cair e você ainda leva com o seu precioso taco pelo rabo acima.

— Eu não fiz nada — afirmou Ledo num tom semelhante a uma lamúria, mas acompanhou o passo de Eve à medida que ela seguia Carmine por uma área com cortinas até uma fila de portas.

Carmine abriu uma e gesticulou. — Precisa de mais alguma coisa, Tenente?

— Mantenha os seus clientes calmos, Carmine. Nenhum de nós quer que o Departamento de Polícia e Segurança de Nova Iorque mande fazer uma rusga a isto.

Ele recebeu o aviso com um aceno de cabeça e deixou-os a sós enquanto Eve atirava com o queixoso Ledo para a sala. — Fica em pé, Peabody. Estás autorizada a usar a tua arma se alguém pestanejar para ti.

— Sim, Tenente. — Peabody ajeitou o taco numa mão, colocou a outra no seu atordoante e encostou-se à parede.

Satisfeita, Eve entrou e fechou a porta. No que dizia respeito a comodidades, era péssimo, com uma cama estreita, ecrã de visionamento sujo e chão peganhoso. Mas era privado.

— Muito bem, Ledo. — Eve levou o dedo à sua ferida em carne viva na face, não porque ardesse, apesar de arder. Ela usou o gesto para fazer Ledo tremer de medo da vingança. — Há quanto tempo.

— Tenho andado limpo — disse ele calmamente e ela riu-se, mantendo o som baixo e agudo.

— Não insulte a minha inteligência. Não estaria limpo após seis dias numa câmara de descontaminação. Sabe o que isto quer dizer? — Eve bateu com um dedo na ferida na cara. — Isto de agredir um agente dá-me o direito de o revistar imediatamente, de arrastar esse seu cu escanzelado até à Central e pedir um mandado para revistar a sua casa.

— Ouça, Dallas, ouça. — Ele ergueu ambas as mãos, de palmas para cima. — Foi um acidente.

— Pode ser que eu deixe passar esta, Ledo. Pode ser, se me convencer que está numa de colaborar.

— Claro que estou, Dallas. O que quer? Jazz, erva, ecstasy? — Começou a procurar nos bolsos. — É de graça, a si não lhe cobro nada. Se não tiver aqui, arranjo.

Os olhos dela transformaram-se em ranhuras douradas brilhantes. — Se tirar alguma coisa dos seus bolsos que não os seus dedos feios, Ledo, então é porque é mais estúpido do que eu imaginava. E eu julgava que tinha um cérebro do tamanho de uma noz.

As mãos dele gelaram, na sua cara magra uma expressão vazia. Depois tentou um riso abafado másculo, elevando as mãos vazias. — Como disse, Dallas, há muito tempo que não nos vemos. Acho que me tinha esquecido de que não gosta destas cenas. Não leve a mal, sim?

Ela não disse nada, limitando-se a olhar para ele de cima até o suor brotar no lábio superior de Ledo. Eve certificar-se-ia de voltar a prendê-lo, pensou ela, na primeira oportunidade. Mas para já, tinha coisas mais importantes para tratar.

— Você... você quer informações? Eu não sou o seu bufo. Nunca fui bufo de polícia nenhum, mas estou disposto a trocar informações.

— Trocar? — disse ela friamente.

— Dar. — Até o seu pequeno cérebro começou a trabalhar. — Você pergunta e eu conto, se souber. Que tal?

— Nada mal. O Snooks.

— O velhote das flores? — Ledo encolheu os pequenos ombros que tinha. — Abriram-no todo, segundo soube. Tiraram-lhe bocados. Eu não me meto nessas coisas.

— Mas é fornecedor dele.

Ledo fez o possível para parecer cauteloso. — É possível que tenhamos feito negócio de vez em quando.

— Como é que ele pagava?

— Pedia uns créditos na rua ou vendia lá as flores dele e assim. Ele

tinha forma de pagar quando precisava de uma dose de alguma coisa, o que era quase sempre.

— Ele alguma vez lhe ficou a dever a si ou a outros traficantes?

— Não. Só damos alguma coisa aos sem-abrigo se eles nos pagarem primeiro. Não se pode confiar neles. Mas o Snooks é de confiança. Não faz mal a ninguém. Era metido com ele próprio. Mais ninguém lhe vendia nada, que eu soubesse. Era um bom cliente, não dava chatices.

— Vende na zona onde ele costumava estar acampado?

— Tenho de ganhar a vida, Dallas. — Quando esta o atingiu novamente com o olhar, ele deu conta do seu erro. — Sim, trafico lá. A maior parte do território é minha. Há um ou dois que lá aparecem de vez em quando, mas não nos atrapalhamos. Mercado livre.

— Ultimamente viu lá alguém que não fosse da zona, alguém a perguntar pelo Snooks ou por sem-abrigo como ele?

— O engravatado?

Eve sentiu o sangue saltar, mas limitou-se a encostar-se casualmente à parede. — Qual engravatado?

— Apareceu lá um tipo uma noite, todo aperaltado. Que fatiota fixe, minha. Veio ter comigo. — Agora mais confortável, Ledo sentou-se na cama estreita e cruzou uma perna fina sobre a outra. — Primeiro deduzi que ele não quisesse comprar o material no bairro dele. Daí veio à zona deles. Mas ele não queria doses.

Eve aguardou enquanto Ledo se entretinha a puxar as cutículas. — O que procurava ele?

— Deduzo que o Snooks. O tipo descreveu como ele era, mas não posso dizer que isso tenha algum significado para mim. A maioria dos sem-abrigo é toda igual. Mas ele disse que este desenhava coisas e fazia flores, e por isso percebi que era o Snooks.

— E disse-lhe onde o Snooks tinha a barraca?

— Claro, porque não havia de dizer? — Ele começou a sorrir, até que o seu ínfimo cérebro começou o árduo processo de dedução. — Merda, o engravatado é que cortou o Snooks? Porque fez isso? Ouça, Dallas, eu não fiz nada. O tipo perguntou-me onde ele dormia e eu disse-lhe. Quer dizer, porque não haveria de dizer? Eu sabia lá que o tipo queria matá-lo.

O suor voltou a surgir quando ele se colocou de pé num pulo. — Não me pode culpar por isso. Eu só falei com o sacana.

— Como era ele?

— Não sei. Tinha boa aparência. — Em jeito de súplica ou frustração, Ledo estendeu os braços. — Era um tipo normal. Um engravatado. Limpinho e reluzente.

— Idade, raça, altura, peso — disse Eve sem entoação na voz.

— Chiça, chiça. — Agarrando bocados do seu cabelo, Ledo começou a andar de um lado para o outro na pequena divisão. — Eu não presto atenção. Isso foi há três noites. Seria branco? — Deu a informação em forma de interrogação, lançando um olhar esperançado a Eve. Ela limitou-se a olhar para ele. — Acho que sim, que era branco. Eu estava a olhar para o casaco dele. Um casaco grande preto. Tinha ar de ser muito quente e macio.

Paspalho, foi só o que Eve conseguiu pensar. — Quando falou com ele, teve de olhar para cima, para baixo ou em frente?

— Ah... para cima! — Ele irradiou alegria como uma criança que acerta num concurso de ortografia. — Sim, era um tipo alto. Não me lembro da cara dele, Dallas. Chiça, estava escuro e não estávamos junto a luz nenhuma. Ele trazia chapéu e o casaco todo abotoado. Estava um frio de rachar.

— Nunca mais o viu? Desde então, ele não voltou cá?

— Não, foi só essa vez. Umhas duas... não, três noites atrás. Foi só essa vez. — Ledo passou as costas da mão sobre a boca. — Eu não fiz nada.

— Devia tatuar isso na sua testa, Ledo, assim não tinha de repeti-lo a cada cinco minutos. Por agora estou satisfeita, mas quero poder encontrá-lo com facilidade, se precisar de voltar a falar consigo. Se tiver de andar à sua procura, vou ficar lixada.

— Eu vou andar por aqui. — O alívio dele era tão grande que os seus olhos ficaram luzidios de lágrimas. — Toda a gente sabe onde encontrar-me.

Ledo preparava-se para sair quando se deteve imóvel como uma estalactite quando Eve lhe agarrou o braço. — Se voltar a ver o engravatado, Ledo, ou algum como ele, contate-me. Não diga nada ao engravatado que o afaste e trate de pegar na sua teleligação e telefonar-me. — Ela mostrou os dentes num sorriso que lhe soltou os intestinos. — Toda a gente também sabe onde encontrar-me.

Ele abriu a boca e depois decidiu que o olhar gélido de Eve significava que ele não devia tentar negociar uma recompensa pela informação. Assentiu três vezes com a cabeça e saiu porta fora quando ela a abriu.

Os nós nos músculos do estômago de Peabody só se desfizeram quando regressaram ao veículo e estavam a três quarteirões para leste. — Bem, foi divertido — disse ela num tom de voz animado. — A seguir vamos procurar tubarões e nadar no meio deles.

— Tu aguentaste, Peabody.

Os músculos que se haviam descontraído tremeram de prazer. Vinho de Eve, era o elogio mais verdadeiro que se podia fazer a um agente. — Estava cheiinha de medo, dos pés à cabeça.

— Porque não és parva. Se fosses parva, não andarias comigo. Já sabemos que andavam especificamente à procura do Snooks — matutou Eve. — Não andavam à procura de um sem-abrigo qualquer, de um coração qualquer. Queriam-no a ele. O coração dele. Porque era ele tão especial? Abre aí os dados dele outra vez e lê em voz alta.

Eve escutou os factos, os passos da vida de um homem, desde o seu nascimento até ao desperdício e abanou a cabeça. — Tem de haver aí qualquer coisa. Não o tiraram de uma cartola. Talvez um problema de família... — Eve deixou que a teoria divagasse pela sua mente. — Um dos filhos ou netos dele pode ter ficado lixado com a forma como ele desistiu, os deixou na mão. O coração. Pode ser simbólico.

— Partiste-me o coração. Por isso, vou tirar-te o teu?

— Mais ou menos. — Famílias, todos esses graus de amor e ódio que fermentavam nelas, confundiam-na e espantavam-na. — Vamos investigar a família e seguir esta ideia por um tempo, essencialmente para a descartar.

Eve voltou a estacionar no local do crime, analisando primeiro a área. Os sensores da Polícia ainda estavam no local, estava tudo isolado. Aparentemente não havia ninguém naquele bairro com capacidade ou conhecimento para os contornar e chegar ao que restava na barraca de Snooks.

Ela detetou o par de vendedores de carro ambulante na esquina, aglomerados infelizes no fumo emanado da grelha. O negócio não corria bem.

Alguns mendigos vagueavam sem destino. Traziam a licença de pedinte bem à vista, pendurada nos seus pescoços magricelas. Provavelmente seriam falsificadas, pensou Eve. Do outro lado da rua, os sem-abrigo e os loucos juntavam-se em redor de uma fogueira num bidão que parecia emanar mais fedor do que calor.

— Fala com os vendedores — ordenou Eve a Peabody. — Eles costumam ver mais do que a maioria das pessoas. Pode ser que tenhamos sorte. Quero voltar a ver a barraca dele.

— Aposto que eles falavam mais se lhes comprasse um cachorro de soja.

Eve arqueou uma sobrancelha à medida que saíam por portas opostas. — Uma pessoa tem de estar desesperada para arriscar colocar na boca uma coisa que venha deste bairro.

— Muito desesperada — concordou Peabody, que endireitou os ombros e depois se dirigiu determinada ao grelhador.

Eve sentiu-se observada enquanto demorava a decodificar os sensores para passar. O olhar queimou-lhe as costas: raiva, ressentimento, confusão e infelicidade. Conseguia sentir tudo isso, cada grau de desespero e esperança que deslizava pela rua suja para lhe percorrer a pele.

Esforçou-se por não pensar nisso.

Puxando para trás o cobertor gasto, baixou-se para entrar na baraca e assobiou uma vez entre dentes perante o fedor persistente de lixo e morte.

Quem eras tu, Snooks? O que eras?

Pegou num pequeno ramo de flores de papel, agora revestido com uma fina camada de pó deixada pelos membros da equipa de criminologia. Teriam aspirado cabelos, fibras, fluidos, as células mortas que o corpo regularmente larga. Haveria fuligem, porcaria e lixo para escolher. Um local de crime tão conspurcado como este daria trabalho. Separar, analisar, identificar.

Mas achou que as coisas aí encontradas lhe dariam as respostas de que ela precisava.

— Foste cuidadoso — murmurou ela ao homicida. — Não deixaste rasto. Não deixaste nada teu aqui. Ou, pelo menos, assim julgaste.

Tanto a vítima como o homicida deixavam sempre algo para trás. Uma impressão, um eco. Ela sabia procurar e escutá-los.

Eles tinham chegado no seu carro fino, na calada da noite, em pleno inverno. Bem agasalhados, bem vestidos. Não chegaram de mansinho, não tentaram passar despercebidos.

Arrogância.

Não tiveram pressa, não se mostraram preocupados.

Confiança.

Nojo. Tê-lo-iam sentido, ligeiramente, quando desviaram a cortina para trás e foram atingidos pelo cheiro. Mas os médicos estariam habituados a odores desagradáveis, imaginou ela.

Usaram máscaras. Máscaras cirúrgicas. E as suas mãos estariam cobertas com luvas ou selante. Por uma questão de proteção, por hábito, por precaução.

Teriam usado antisséptico. Para esterilizar? Por uma questão de hábito, pensou ela, por uma questão de hábito, como se não fizesse diferença se o paciente apanhasse alguma contaminação.

Teriam precisado de luz. Algo forte e mais limpo do que o brilho oscilante do toco de vela ou flash a pilhas que Snooks tinha numa das suas prateleiras inclinadas.

No saco do médico, deduziu ela. Uma minilâmpada de elevada potência. Óculos microscópicos. Um bisturi a laser e outras ferramentas do ofício.

Ele terá acordado na altura?, pensou ela. Terá despertado do seu sono só por um momento quando acenderam a luz? Terá tido tempo para pensar, interrogar, temer antes de a seringa de pressão lhe perfurar a carne e o deixar inconsciente?

A partir daí foi só trabalhar. Mas isso ela já não conseguia imaginar. Não fazia a mínima ideia como os médicos abriam os corpos. Mas deduziu que seria mesmo assim. Mais uma questão de hábito.

Teriam sido rápidos, competentes e falado pouco.

Como seria ter nas mãos o coração de um homem?

Teria sido também uma questão de hábito ou teriam sentido um arrepio de poder, de satisfação, de glória na sua mente? Ela deduziu que sim. Mesmo que por um instante, ele ou ela ter-se-iam sentido um deus.

Um deus suficientemente orgulhoso para se demorar, para usar os seus talentos para fazer bem o serviço.

E foi isso que deixaram para trás, pensou ela. Orgulho, arrogância e sangue-frio.

Os olhos de Eve ainda estavam semicerrados da concentração quando se ouviu o seu comunicador. Pondo as flores de papel de lado, tirou-o.

— Dallas.

No ecrã surgiu a cara lúgubre de Feeney. — Encontrei outro, Dallas. É melhor vires para dares uma vista de olhos.

Erin Spindler — começou Feeney, acenando com a cabeça em direção à imagem no ecrã numa das salas de reunião mais pequenas da Central de Polícia. — Mulher mulata, setenta e oito anos de idade, acompanhante registada, reformada. Nos últimos anos tinha uma pequena casa de AR. Todas mulheres de rua. Era frequente levar multas. Deixava caducar as licenças de algumas prostitutas ou não se dava ao trabalho de fazer os exames médicos exigidos. Foi presa algumas vezes por enganar clientes, mas acabou por safar-se.

Eve estudou a imagem. Uma cara astuta, fina, a sua pele debotada numa cor amarela pastosa, os olhos duros. A boca achatada e descaída de insatisfação. — Em que secção trabalhava ela?

— Lower East Side. Começou na zona alta da cidade. Parece que era uma mulher de classe há uns cinquenta anos. Começou a consumir e começou a degradar-se. — Ele movimentou os ombros. — Gostava de Jazz e isso na zona alta não é barato. Passou de prostituta fina a mulher de esquina quando chegou aos quarenta anos.

— Quando a mataram?

— Há seis semanas. Uma das AR encontrou-a na casa dela na Décima Segunda Rua.

— Tiraram-lhe o coração?

— Não, os rins. — Feeney voltou-se e colocou dados no ecrã. — O edifício dela não tinha segurança nenhuma, daí não termos registo de quem entrou ou saiu. O relatório do investigador não esclarece se ela deixou o homicida entrar ou se ele conseguiu abrir as fechaduras dela. Não há sinal de luta, agressão sexual, nem roubo aparente. A vítima foi encontrada na cama sem rins. O relatório da autópsia indica que estava morta há doze horas quando foi encontrada.

— Qual é o estado do caso?

— Aberto. — Feeney fez uma pausa. — E inativo.

— Que raio queres dizer com isso, *inativo*?

— Deduzi logo que isso te irritaria. — A sua boca estreitou-se quando chamou mais dados. — O inspetor principal, um paspalho chamado Rosswell associado à 162^a, concluiu que a vítima foi morta por um cliente revoltado. Decidiu que a natureza do caso é insolúvel e não vale o tempo e esforços da Polícia.

— Da 162ª? É a mesma da Bowers. Será que eles lá criam idiotas? Peabody — reagiu ela de imediato, mas a sua auxiliar já estava a fazer a ligação.

— Sim, Tenente, estou a contactar o Rosswell da 162ª. Deduzo que queria ter uma conversa com ele o mais depressa possível.

— Quero esse desgraçado no meu gabinete dentro de uma hora. Muito bem, Feeney, obrigada. Há mais algum?

— Este era o único caso local semelhante ao crime. Deduzi que que-rias investigar já isto. O McNab está a procurar mais.

— Diz-lhe que quero ser avisada se surgir algo. Podes passar estes dados para as unidades do meu gabinete e de minha casa?

— Já está feito. — Com um sorriso mínimo, Feeney puxou a orelha. — Ultimamente não me tenho divertido muito. Importas-te que eu te veja apertar com o Rosswell?

— De todo. Aliás, porque não me ajudas?

Ele soltou um suspiro. — Tinha esperança que disseses isso.

— Falamos aqui. Peabody?

— Rosswell chegará dentro de uma hora, Tenente. — Esforçando-se por não parecer convencida, colocou a teleligação no bolso. — Acho que podemos dizer que ele tem um medo de morte de si.

O sorriso de Eve foi lento e implacável. — Acho bem. Eu estarei no meu gabinete, avisa-me quando ele chegar.

A sua teleligação começou a tocar quando ela entrou. Atendeu-a des- preocupadamente enquanto buscava nas gavetas algo que se assemelhasse a comida.

— Olá, Tenente.

Ela pestanejou para o ecrã e depois sentou-se na cadeira para conti- nuar a busca quando viu que se tratava de Roarke. — Voltaram a roubar-me os doces — queixou-se ela.

— Não se pode confiar nos polícias. — Quando ela se limitou a bufar, ele semicerrou os olhos. — Aproxima-te.

— Hmm. — Raios, ela queria o chocolate dela. — O quê?

— Onde arranjaste isso?

— O quê? Aha! Não encontraste este, pois não, seu ladrão sacana? — Triunfante, tirou uma Gooybar debaixo de uma pilha de folhas amarelas.

— Eve, como te magoaste na cara?

— O quê? — Já estava a abrir o chocolate e a trincá-lo. — Isto? — Foi a irritação, quase impercetível sob aquela voz musical, que a fez sorrir. — A jogar bilhar com os rapazes. A coisa aqueceu por instantes. Agora há alguns tacos que jamais serão os mesmos.

Roarke ordenou a si mesmo que descontraísse os punhos fechados.

Detestava vê-la marcada. — Nunca me tinhas dito que gostavas de bilhar. Temos de jogar uma partida.

— Sempre que quiseres. Onde quiseres.

— Hoje não pode ser, infelizmente. Vou chegar tarde.

— Oh. — Eve ainda ficava abalada pelo facto de ele frequentemente lhe dar a saber por onde andava. — Tens algum compromisso?

— Já cheguei. Estou em Nova L.A., um pequeno problema que exigiu a minha atenção pessoal imediata. Mas estarei em casa hoje à noite.

Eve não disse nada, sabia que ele lhe queria garantir que não dormiria sozinha, altura em que os pesadelos a perseguiram. — Como está o tempo?

— Está ótimo. Soalheiro e 21°C. — Ele sorriu para ela. — Vou fingir que não me divirto já que não estás comigo.

— Fazes muito bem. Até logo.

— Evite salões de bilhar, Tenente.

— Sim. — Eve viu o ecrã ficar negro e desejou não ter uma vaga insatisfação por ele não estar em casa quando ela chegasse. Em menos de um ano, ela habituara-se demasiado a tê-lo por perto.

Aborrecida consigo mesma, ligou o seu computador. Estava tão distraída que nem se deu ao trabalho de lhe dar uma pancada quando este apitou.

Foi buscar os ficheiros de Snooks e Spindler, e ordenou ambas as imagens, dividindo o ecrã.

Gastos, pensou ela. Maus-tratos autoinfligidos, negligência. Estava ali presente em ambas as caras. Mas Snooks, bem, havia uma espécie de meiguice patética na sua cara. Quanto a Spindler, não tinha nada de meigo. Eles tinham cerca de vinte anos de diferença. Sexos diferentes, raças diferentes, passados diferentes.

— Mostrar fotografias do local do crime, Spindler — ordenou ela.

O quarto era uma divisão pequena, apertada, com uma única janela da largura de uma mão aberta numa parede. Mas Eve reparou que estava limpa. Arrumada.

Spindler estava estendida na cama, sobre lençóis debotados manchados com sangue. Tinha os olhos fechados, a boca frouxa. Estava nua e a visão do seu corpo não era agradável. Eve notou que o que parecia ser uma camisa de dormir fora impecavelmente dobrada e colocada na mesa ao lado da cama.

Ela poderia estar a dormir, não fosse o sangue que manchava os lençóis.

Tinham-na drogado, concluiu Eve, e depois despido. Dobraram a camisa. Arrumado, organizado, preciso.

Como escolheram esta?, interrogou-se ela. *E porquê?*

Na imagem seguinte, a equipa de criminologia virara o cadáver. Dignidade e modéstia foram postas de lado à medida que a câmara ampliava. Pernas escanzeladas num corpo escanzelado. Peitos descaídos, pele enrugada. Spindler não investira os seus lucros no cuidado do corpo, o que provavelmente fora sensato, pensou Eve, pois desfrutaria pouco tempo do investimento.

— Grande plano da lesão — ordenou ela e a imagem mudou. Tinham-na aberto, os cortes eram mais estreitos do que Eve imaginara. Eram quase delicados. E apesar de ninguém se ter dado ao trabalho de a suturar, usaram algo que Eve agora sabia ser película criogénica cirúrgica para parar o fluxo sanguíneo.

Mais uma vez, uma questão de hábito, concluiu ela. Orgulho. Não era costume os cirurgiões deixarem um subalterno fechar a incisão? O trabalho mais importante já tinha sido feito, por isso, porque não deixar alguém menos proeminente suturar um pouco?

Ela perguntaria a alguém, mas achou que tinha visto isso em vídeos nos ecrãs.

— Computador, analisar cirurgia em ambas as vítimas. De seguida executar pesquisa de probabilidade. Qual a percentagem de probabilidade de ambas as cirurgias terem sido realizadas pela mesma pessoa?

A executar... a análise irá demorar aproximadamente dez minutos.

— Muito bem. — Ela levantou-se, foi até à janela para ver a crepitação do tráfego aéreo. O céu assumira a cor de nódoas negras. Conseguia ver um dos mini-helicópteros oscilar ao tentar compensar uma rajada de vento.

Iria nevar ou cair granizo antes do final do turno, pensou ela. A viagem até casa seria terrível.

Pensou em Roarke, a quase cinco mil quilómetros de distância, com palmeiras e céus azuis.

Pensou nessas almas perdidas sem nome, desesperadas por se aquecerem um pouco em redor de uma fogueira feita num bidão ferrugento, e onde estariam nessa noite quando nevasse e o vento uivasse estridente pelas ruas.

Inconscientemente, pressionou os dedos contra o vidro e sentiu o frio na sua pele.

E ocorreu-lhe, nítida como uma bofetada, uma memória há muito enterrada com outras memórias da rapariga que fora outrora. Magra, de olhos encovados e presa num dos infinitos quartos horríveis de janelas partidas e aquecimento avariado, onde o vento gritava ininterrupto contra o

vidro partido, abanava as paredes e rompia sobre a sua pele como punhos de gelo.

Tinha frio, muito frio. Muita fome. Muito medo. Sentada no escuro, sozinha no escuro. Sempre ciente de que ele voltaria. Ele voltava sempre. E quando voltava, podia não estar suficientemente bêbedo para cair na cama e deixá-la em paz.

Podia não a deixar encolhida atrás da única cadeira gasta que cheirava a fumo e suor, onde tentava esconder-se dele e do frio quebradiço.

Adormecera a tremer, vendo a sua respiração formar-se e desaparecer no escuro.

Mas quando ele chegou a casa, não estava suficientemente bêbedo e ela não se conseguira esconder dele ou da amargura.

— Chicago. — A palavra saiu-lhe da boca, como um veneno que queima a garganta, e Eve voltou a si com ambas as mãos firmemente fechadas contra o seu coração.

E tremia, tremia como tremiera naquele quarto gelado durante outro inverno.

De onde viera aquilo?, perguntou a si mesma, enquanto tentava estabilizar a sua respiração, engolir o azedume que lhe chegara à garganta. Como sabia ela que era Chicago? O que lhe dava tanta certeza?

E que importância tinha? Agora furiosa, bateu ao de leve e ritmicamente com um dos punhos contra o vidro. Isso era passado, acabara.

Tinha de ter acabado.

Análise concluída... A iniciar rácio de probabilidade...

Eve fechou os olhos por um momento e esfregou as mãos com força sobre os seus lábios secos. Era isto, lembrou-se ela, que importava. O que ela era agora, o que ela fazia agora. O trabalho, a justiça, as respostas.

Mas a sua cabeça latejava quando voltou para o seu computador e se sentou na cadeira.

Rácio de probabilidade concluído. A probabilidade de as cirurgias em ambas as vítimas terem sido realizadas pela mesma pessoa é de 97,8%.

— Muito bem — disse Eve calmamente. — Muito bem. Matou-os aos dois. Resta saber, quantos mais matou?

Dados insuficientes para processar...

— Não te pedi para processares nada, anormal. — Falou inconscien-

temente e, de seguida, inclinando-se para a frente, esqueceu-se da náusea que sentia, da dor de cabeça, à medida que começava a ler os dados.

Já tinha visto a maioria das informações quando Peabody bateu com vivacidade na porta e enfiou a cabeça pela abertura. — Chegou o Rosswell. — Ótimo, ainda bem.

Quando se levantou, havia um brilho nos olhos de Eve que levou Peabody a sentir alguma pena de Rosswell e — afinal era humana — uma onda de antecipação pelo espetáculo que estava prestes a começar. Teve o cuidado de disfarçar ambas as reações à medida que seguia Eve até à sala de reunião.

Rosswell era gordo e careca. Um salário de inspetor daria perfeitamente para pagar os cuidados básicos com o corpo, caso fosse muito preguiçoso ou tolo para fazer exercício. Daria para fazer um tratamento elementar de substituição capilar, se fosse um pouco vaidoso. Mas a autoimagem não podia competir com o profundo e arrebatado amor que Rosswell nutria pelo jogo.

Esse amor não era correspondido. O jogo não amava Rosswell. Castigava-o, ria-se dele. Massacrava-o com as suas próprias falhas nessa área. Mas ele não conseguia deixar de jogar.

Por isso, vivia numa espelunca a um quarteirão da sua esquadra e a dois minutos a pé da casa de jogo mais próxima. Quando tinha a sorte de contrariar as probabilidades, os lucros serviam para compensar perdas anteriores. Passava a vida com esquemas e a fazer acordos com os “parte-espinhas”.

Eve obteve alguns destes detalhes dos dados que acabara de analisar. O que viu à sua espera na sala de reunião era um polícia acabado que perdera a garra e que se limitava a fazer tempo até se reformar.

Não se levantou quando ela chegou, deixando-se ficar desleixadamente sentado na mesa de reunião. Para estabelecer o seu domínio, Eve limitou-se a olhar para ele em silêncio até ele ficar corado e se levantar.

E Eve reparou que Peabody tinha razão. Sob o aparente desinteresse, havia um brilho de medo no seu olhar.

— Tenente Dallas?

— Correto, Rosswell. — Convidou-o a sentar-se, espetando o dedo em direção à cadeira. Mais uma vez, ela não disse nada. O silêncio conseguia pôr os nervos à flor da pele. E os nervos à flor da pele acabavam por fazer vir a verdade ao de cima.

— Ah... — Os olhos dele, cor de avelã nublada numa cara massuda, passaram de Feeney para Peabody e depois novamente para Feeney.

— O que se passa, Tenente?

— Passa-se que há agentes a fazer um trabalho de treta. — Quando ele pestanejou, Eve sentou-se na beira da mesa. Mantinha a cabeça dela aci-

ma da dele, obrigando-o a inclinar as costas para trás para a fitar. — O caso Spindler, o seu caso, Rosswell. Fale-me disso.

— Spindler? — De cara inexpressiva, ele elevou os ombros. — Caramba, Tenente, eu tenho imensos casos. Quem se lembra de nomes?

Um bom polícia lembra-se, pensou ela. — Erin Spindler, AR reformada. Talvez isto lhe reavive a memória. Tiraram-lhe alguns órgãos internos.

— Já sei. — Ele espevitou logo. — Morreu na cama. Até tem piada, uma vez que muitas vezes lhe pagaram para ir para a cama. — Quando ninguém se desatou a rir da ironia, ele pigarreou. — Era bastante simples, Tenente. Ela passava a vida a enganar as prostitutas e os clientes. Tinha fama de fazer isso. A maior parte do tempo mantinha-se drogada com Jazz que se vende na rua. Ninguém tinha uma palavra boa a dizer dela, garanto-lhe. Ninguém verteu uma lágrima. Deve ter sido uma das raparigas dela ou um cliente que se fartou e a matou. Qual é o problema? — perguntou ele, elevando novamente os ombros. — A sociedade não perdeu nada.

— Você é estúpido, Rosswell, e apesar de isso me irritar, tenho de deduzir que talvez tenha nascido estúpido. Mas você tem um distintivo e por isso não pode ser descuidado e muito menos decidir que um caso não vale a pena ser investigado. A sua investigação neste caso foi uma anedota, o seu relatório, patético, e as suas conclusões, asininas.

— Calma lá, eu fiz o meu trabalho.

— Fez, o tanas. — Eve ligou o computador e mostrou uma imagem no ecrã. O corte preciso na carne de Spindler dominava. — Está a dizer-me que isto foi feito por uma prostituta? Por que raio não ganha ela uma fortuna num hospital? Pode ter sido um cliente, mas Spindler não lidava com os clientes. Como é que ele chegou até ela? Porquê? Por que raio ele lhe tirou os rins?

— Não sei o que vai na mente de um assassino louco, por amor de Deus.

— É por isso que vou tratar de impedir que volte a trabalhar na Brigada de Homicídios a partir de hoje.

— Tenha lá calminha. — Ele estava de pé, a olhar Eve olhos nos olhos. Peabody lançou um olhar rápido a Feeney para medir a reação dele e viu o seu sorriso fino e malévolo. — Não tem nada que ir fazer queixa ao meu chefe e arranjar-me problemas. Eu segui as regras neste caso.

— Então faltam algumas páginas ao seu livro. — A voz dela estava calma, uma calma de morte. — Não investigou centros de substituição ou desembolso de órgãos. Não investigou cirurgias, nunca tentou contatar com fontes do mercado negro para fazer transferências ilegais de órgãos.

— Por que raio haveria de fazer isso? — Os dedos dos pés dele chocaram com os dela quando Rosswell se inclinou para a frente. — Algum ma-

luco a estraçalhou e levou umas lembranças. Caso encerrado. Mas alguém se importa com uma prostituta gasta?

— Eu importo-me. E se não me desaparecer da vista dentro de cinco segundos, faço queixa de si.

Ele demorou três segundos, ouvindo-se os seus dentes a ranger, mas depois virou-se. — Eu fiz o que me competia — disse ele, disparando as palavras afiadas como dardos. — Não tem nada que meter o nariz nos meus casos e chagar-me a cabeça.

— Você fez um trabalho de treta, Rosswell. E quando um dos seus casos se cruza com um dos meus e eu constato que fez um trabalho de treta, tenho de fazer alguma coisa. Tenho um sem-abrigo sem coração. O meu estudo de probabilidade diz-me que quem o cortou foi a mesma pessoa que matou a Spindler.

— Soube que fez porcaria nesse caso. — Agora estava a sorrir, tal era o seu pânico que a desafiara.

— Conhece a Bowers, é? — Eve retribuiu o sorriso tão destemidamente que ele começou a suar outra vez.

— Ela não é grande fã sua.

— Essa magoou-me, Rosswell. Fico mesmo muito magoada. E quando fico magoada, gosto de descarregar em alguém. — Ela inclinou-se para baixo. — Quer que seja você?

Ele lambeu os lábios. Se estivessem sozinhos, ele facilmente teria recuado. Mas havia mais dois polícias na sala. Mais duas bocas que podiam dar à língua. — Se me tocar, faço queixa de si. Como a Bowers. Ser a queridinha do Whitney não a salvará de uma investigação do GAI.

A mão dela enrolou-se num punho fechado. E como desejava usá-lo. Mas limitou-se a manter o seu olhar fixo no dele. — Ouviste isto, Feeney? O Rosswell aqui vai fazer queixinhas de mim à professora.

— Nota-se que estás cheia de medo, Dallas. — Animadamente, Feeney avançou. — Deixa-me dar um soco a este cabrão gordo por ti.

— É muito simpático da tua parte, Feeney, mas vamos tentar resolver isto primeiro como adultos. Rosswell, você mete-me asco. Pode ter conseguido esse distintivo há muitos anos, mas agora já não o merece. Não merece limpar a merda e o mijo da equipa de remoção de corpos. E é precisamente isso que vou dizer no *meu* relatório. Entretanto, está dispensado como inspetor principal do caso Spindler. Entregará todos os dados e relatórios à minha auxiliar.

— Só farei isso se receber ordens diretas do meu chefe.

Agora era essencial preservar a dignidade, mas mesmo a sua valente tentativa de parecer desdenhoso não correu bem. — Não trabalho para si,

Dallas, e a sua patente, a sua reputação e o dinheiro todo do seu marido para mim não significam nada.

— Fica registrado — disse Eve sem se alterar. — Peabody, contate o Capitão Desevres da 162ª.

— Com certeza.

Ela conteve o seu temperamento, mas isso teve consequências. A dor de cabeça passou de ligeira a forte e os nós no seu estômago ganharam dentes. Ajudou um pouco ver Rosswell suar enquanto ela sublinhava meticulosamente os detalhes, desfazia a sua investigação em pedaços e pedia a transferência do caso, com todos os dados e relatórios, para ela.

Desevres pedira uma hora para analisar o assunto, mas todos sabiam que era apenas uma questão formal. Rosswell seria afastado e muito provavelmente em breve levaria uma descasca muito mais vigorosa do chefe da sua divisão.

Quando terminou a transmissão, Eve reuniu ficheiros e discos. — Está dispensado, inspetor.

De cara pálida de fúria e frustração, ele levantou-se. — A Bowers tinha razão. Espero que ela acabe consigo.

Eve olhou na direção dele. — Inspetor Rosswell, está dispensado. Peabody, contata o Morris no gabinete do médico-legista. Ele tem de ser informado deste homicídio associado. Feeney, podemos pressionar o McNab? Para saber o que ele descobriu?

A vergonha de ser ignorado devolveu uma cor feia e vermelha à cara de Rosswell. Quando a porta bateu atrás de si, Feeney mostrou um sorriso rasgado a Eve.

— Tu ultimamente andas a fazer muitos amigos novos.

— É a minha personalidade efervescente e a minha inteligência. Não lhe conseguem resistir. Caramba, que anormal. — Mas ela sentou-se, esforçando-se por não se aborrecer. — Vou visitar a Clínica de Canal Street. Spindler recorreu à clínica para fazer exames nos últimos doze anos. Talvez Snooks lá tivesse ido algumas vezes. É um ponto de partida. Peabody, vens comigo.

Eve apanhou o elevador para baixo até ao piso da garagem e tinha acabado de sair quando Feeney a contactou pelo comunicador. — Diz lá.

— O McNab deu com um dependente químico chamado Jasper Mott. Outro coração roubado há três meses.

— Três meses? Quem é o inspetor principal? Quais são as pistas?

— Não foi tratado pela Polícia de Nova Iorque, Dallas. Foi em Chicago.

— O quê? — O frio voltou a fazer-lhe tremer a pele, a imagem das rachas como uma teia de aranha no vidro.

— Chicago — repetiu ele, de olhos a semicerrar. — Estás bem?

— Sim, sim. — Mas ela olhou para baixo, pelo longo tubo da garagem, até onde Peabody aguardava pacientemente no veículo delas. — Podes mandar à Peabody o nome do inspetor principal do caso, os dados necessários? Vou pedir que ela contate o Departamento de Chicago para obter os ficheiros e estado do caso.

— Claro, não há problema. Se calhar devias comer qualquer coisa, rapariga. Estás com um ar doente.

— Eu estou bem. Diz ao McNab que fez um bom trabalho e que continue.

— Passa-se alguma coisa, Tenente?

— Não. — Eve caminhou até ao seu carro, decodificou-o e entrou. — Temos outro em Chicago. O Feeney vai mandar-te os detalhes. Emite um pedido ao inspetor e ao chefe da divisão dele para enviarem uma cópia dos dados devidos. Manda uma cópia ao Comandante. Fá-lo segundo as regras, mas fá-lo depressa.

— Ao contrário de alguns — disse Peabody num tom afetado, — eu conheço as regras todas. Como é que um paspalho como o Rosswell chega a inspetor?

— Porque a vida — disse Eve sentidamente, — a vida muitas vezes é uma porcaria.

A vida sem dúvida que era uma porcaria para os pacientes da Clínica de Canal Street. Estava repleta de sofrimento, desespero e moribundos.

Uma mulher de cara desfeita dava o peito a um bebé enquanto um pequenito sentado a seus pés chorava. Alguém tossia húmida e monotonicamente. Havia meia dúzia de AR de rua com um olhar vítreo e enfadonho, a aguardar o check-up obrigatório para poderem trabalhar nessa noite.

Eve abriu caminho até à janela onde se encontrava a enfermeira de serviço, atrás de uma secretária. — Introduza os seus dados no impresso devido — começou ela, o tédio a deixar-lhe a voz inexpressiva. — Não se esqueça do seu número de utente, BI e morada atual.

Para obter uma resposta, Eve sacou do seu distintivo e encostou-o ao vidro reforçado. — Quem é a pessoa responsável?

Os olhos da enfermeira, cinzentos e enfadados, pestanejaram ao ver o distintivo. — Hoje é a Dra. Dimatto. Ela está com um paciente.

— Têm algum consultório lá atrás, uma sala privada?

— Se lhe quiser chamar isso. — Quando Eve se limitou a inclinar a cabeça, a enfermeira, aborrecida, abriu a fechadura codificada da porta.

Com óbvia relutância, ela arrastou-se à frente delas por um pequeno

corredor. Quando entraram pela porta, Peabody olhou por cima do seu ombro. — Nunca estive num lugar destes.

— Tens muita sorte. — Eve passara muito tempo em locais como aquele. Os hospitais estatais não tinham cuidados de saúde privados ou clínicas de primeira.

Mal a enfermeira gesticulou, ela entrou numa sala mínima usada pelos médicos de turno como consultório. Duas cadeiras, uma mesa pouco maior do que uma caixa de transporte e equipamento, pensou Eve ao olhar para o sistema informático, muito pior do que o que ela era obrigada a usar na Central.

O consultório não tinha janela, mas alguém tentara alegrá-lo com alguns posters artísticos e uma pequena trepadeira verde num vaso lascado.

E numa prateleira de parede, aninhado entre uma pilha oscilante de discos médicos e um modelo do corpo humano, estava um pequeno ramo de flores de papel.

— Snooks — murmurou Eve. — Ele recorreu a esta clínica.

— Tenente?

— As flores dele. — Eve tirou-as da prateleira. — Ele tinha apreço suficiente por alguém aqui da clínica ao ponto de lhe dar flores e alguém lhe tinha estima suficiente para as guardar. Peabody, conseguimos a nossa ligação.

Ainda tinha as flores na mão quando a porta se abriu de rompante. A mulher que entrou era jovem, pequena, com a bata branca da sua profissão sobre uma camisola larga e calças de ganga debotadas. Tinha o cabelo curto e ainda mais desgrenhado do que o de Eve. Ainda assim, a sua cor de favo de mel realçava a bonita cara rosa e creme.

Os seus olhos eram da cor de tempestades e a sua voz era igualmente ameaçadora.

— Têm três minutos. Tenho pacientes à espera e um distintivo aqui não tem valor nenhum.

Eve arqueou uma sobrancelha. Esta apresentação tê-la-ia irritado na maioria das circunstâncias, mas reparou nas sombras de fadiga sob os olhos cinzentos e na rigidez de postura como defesa contra essa fadiga.

Já trabalhara tantas vezes até à exaustão que sabia reconhecer os sinais e compreendia-os.

— Andamos realmente populares, Peabody. Eve Dallas — disse brevemente. — Tenente. Preciso de dados de dois pacientes.

— Dra. Louise Dimatto, e não faculto dados sobre pacientes. Não dou a polícias nem seja a quem for. Se é só isso...

— Pacientes mortos — disse Eve à medida que Louise se voltava novamente para a porta. — Pacientes assassinados. Sou da Brigada de Homicídios.

Voltando-se, Louise olhou com maior cuidado para Eve. Viu um corpo magro, uma cara dura e olhos cansados. — Está a investigar um homicídio?

— Homicídios. Dois. — Observando Louise, estendeu as flores de papel. — São suas?

— Sim. Diga-me... — A sua voz desvaneceu e a preocupação tomou conta da sua cara. — Oh, o Snooks não! Quem mataria o Snooks? Não havia pessoa mais inofensiva.

— Ele era seu paciente?

— Não era paciente de ninguém, na verdade. — Louise deslocou-se até um AutoChef antigo e programou um café. — Nós saímos com uma carrinha médica uma vez por semana, fazemos tratamentos no local. — A máquina fez um som sibilante e, praguejando, Louise abriu a porta com força. No interior estava uma poça do que parecia ser um fluido corporal asqueroso. — Estamos outra vez sem chávenas — resmungou ela e deixou a porta a abanar à medida que se virava para trás. — Passam a vida a reduzir o nosso orçamento.

— Eu que o diga — disse Eve secamente.

Meia a rir-se, Louise passou as mãos pela cara e pelo cabelo. — Eu costumava ver o Snooks quando fazia o meu turno na carrinha médica. Subornei-o para fazer um exame na rua uma noite, há um mês. Paguei dez créditos para descobrir que ele morreria de cancro daí a seis meses se não se tratasse. Tentei explicar-lhe isso tudo, mas ele não quis saber. Deu-me as flores e disse-me que eu era boa rapariga.

Ela soltou um suspiro longo. — Acho que de cabeça não tinha problema nenhum, apesar de não ter conseguido suborná-lo para fazer um teste psiquiátrico. Ele estava-se nas tintas.

— Tem os registos do exame.

— Posso ir buscá-los, mas de que adianta? Se foi assassinado, não morreu de cancro.

— Gostaria de ficar com eles para os meus ficheiros — disse Eve. — E quaisquer registos que tenha sobre Erin Spindler. Ela fazia aqui os seus exames.

— Spindler? — Louise abanou a cabeça. — Não sei se era minha paciente. Mas se quiser registos de pacientes, Tenente, terá de me dar mais dados. Como morreram?

— Durante uma intervenção, por assim dizer — disse Eve e contou-lhe.

Após o primeiro choque ter assolado os olhos de Louise, estes ficaram frios e inexpressivos. Ela aguardou, ponderou e de seguida abanou a cabeça. — Quanto a Spindler não sei, mas garanto-lhe que o Snooks não

tinha nada que merecesse a pena levar, nem mesmo para ser usado no mercado negro.

— Alguém lhe levou o coração e fez um trabalho excelente. Quem é o vosso melhor cirurgião?

— Não fazemos consultas externas — disse Louise esgotada. — Sou eu que trato disso. Por isso, se me quiser levar para interrogar ou para me acusar, terá de esperar que eu despache os meus pacientes.

Eve quase sorriu. — Não vou acusá-la, Doutora, por agora. A menos que queira confessar. Isto. — Do saco Eve tirou duas fotografias, uma de cada vítima, e ofereceu-as.

De lábios contraídos, Louise estudou-as e exalou devagarinho. — Alguém tem mãos mágicas — murmurou ela. — Eu sou boa, mas estou muito longe deste nível de perícia. Fazer isto na barraca de um sem-abrigo, sinceramente. Naquelas condições. — Ela abanou a cabeça e devolveu as fotografias. — Posso odiar o que essas mãos fizeram, Tenente, mas admiro a sua habilidade.

— Tem alguma opinião acerca de quem poderão ser estas mãos?

— Profissionalmente não me dou com os deuses e é disso que se trata neste caso. Um dos deuses. Vou pedir à Jan que lhe dê aquilo de que precisa. Eu tenho de voltar para junto dos meus pacientes.

Mas ela fez uma pausa, estudando novamente as flores. Nos seus olhos viu-se algo mais do que fadiga. Poderia ser mágoa. — Erradicámos ou aprendemos a curar quase todos os assassinos naturais de seres humanos, menos um. Alguns sofrem e morrem antes do tempo porque são muito pobres, têm muito medo ou são demasiado casmurros para procurar ajuda. Mas nós continuamos a tentar resolver isso. Eventualmente ganharemos.

Ela olhou para Eve. — Eu acredito nisso. Vamos ganhar nesta frente, mas na sua, Tenente, nunca haverá uma vitória completa. O predador natural do Homem irá sempre ser o Homem. Por isso, vou continuar a tratar os corpos que outros cortaram, mutilaram ou agrediram e vocês vão continuar a varrer a porcaria.

— Eu tenho as minhas vitórias, Doutora. Sempre que engaiolo um predador, consigo uma vitória. E vou conseguir uma em nome de Snooks e de Spindler. Pode contar com isso.

— Eu já não conto com nada. — Louise saiu para onde a dor e o desespero a aguardavam.

Eu estou... entretido. Um trabalho de qualidade, afinal, deve ser intervalado com períodos de descanso e entretenimento. No desempenho do meu trabalho, dou comigo a ter de enfrentar uma mulher com reputação de ser

tenaz. Uma mulher inteligente, pelo que se diz, e determinada, com grande perícia na sua área de eleição.

Mas por muito tenaz, inteligente e determinada que Eve Dallas possa ser, não deixa de ser polícia. Já lidei com polícias antes e são facilmente descartáveis, de uma forma ou de outra.

É tão absurdo que aqueles que impõem leis, leis que mudam tão fácil e frequentemente como o vento, acreditem que têm alguma jurisdição sobre mim.

Optam por chamar homicídio ao que eu faço. A remoção — a remoção humana, devo acrescentar — dos danificados, dos inúteis, dos parasitas, é tanto homicídio como a remoção de piolhos do corpo humano. Na verdade, as unidades que escolhi não passam de vermes. Vermes doentes e moribundos, ainda por cima.

Contagiosos, corrompidos e condenados pela mesma sociedade cujas leis agora os vingaria. Que era feito das leis e clamores de justiça quando estas criaturas patéticas se amontoavam nas suas caixas e jaziam no seu próprio lixo? Ainda que estivessem vivas, eram desprezadas, ignoradas ou aviltadas.

Estes invólucros têm muito mais utilidade mortos do que alguma vez teriam vivos.

Mas se preferem chamar-lhe homicídio, então aceito. Como aceito o desafio da Tenente determinada. Ela que ande a cheirar e a revirar, que calcule e deduza. Acho que vou gostar do combate.

E se ela se tornar incómoda, se por acaso ela se aproximar muito de mim e do meu trabalho?

Terei de lidar com ela.

Até a Tenente Dallas tem as suas fraquezas.